
TERAPIA COM A FAMÍLIA À LUZ DA PSICANÁLISE

Edilene Tavares Silva¹; Geisa Egypto Barbosa²; Maria Cristina Tavares Trize³; Mirian Ribeiro Alves⁴,
Cristiane Dameto⁵.

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – edileneTavares78@hotmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – gegypto@hotmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - cristina_trize@ig.com.br;

⁴ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - mribeiro1008@gmail.com;

⁵ Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
crisdameto@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: terapia familiar, psicanálise, família.

Introdução: A configuração nuclear da família, constituída por pai, mãe e filho, é um fenômeno social recente, que surge a partir das transformações da industrialização, para suprir as necessidades políticas de constituição do espaço privado. Sendo assim, é agregada a esta instituição a tarefa de garantir a ordem social burguesa, por meio da formação de futuros cidadãos e trabalhadores. Esse modelo familiar, foi reforçado por Freud, através da teorização do romance familiar e o complexo de Édipo, que resultou na reprodução de uma perspectiva heterocêntrica, que permanece até hoje, presente no imaginário social como referência ideal de família. No entanto, esse modelo familiar, tem passado por transformações, que marcam a transição modelo de família patriarcal para uma família plural contemporânea. Essas transformações têm ganhado mais visibilidade e com elas, vêm a necessidade de reexaminar as estruturas familiares, filiação, sistemas simbólicos de parentesco e sexualidade. Neste contexto, surgem diversos modelos de família como as monoparentais, pluriparentais, homoparentais, casais sem filhos, etc. A psicanálise, como um saber epistêmico e ético, requer constantemente uma autocrítica, com a finalidade de evitar uma prática ratificadora, que naturaliza uma ordem sexual e familiar, na sociedade (RODRIGUEZ; GOMES; OLIVEIRA, 2016).

Objetivos: A finalidade deste trabalho consiste em mencionar a dinâmica familiar, presente no contexto terapêutico de abordagem psicanalítica.

Relevância do Estudo: Propiciar um melhor conhecimento sobre a terapia familiar psicanalítica, como método que surge na tentativa de resolver conflitos existentes dentro dessa instituição, trazendo equilíbrio e compreensão aos conteúdos despercebidos e/ou reprimidos.

Materiais e métodos: Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se as bases de dados Pepsic/SciELO, LILACS e bases bibliográficas.

Resultados e discussões: Para Zimerman (2008), a família é considerada uma unidade sistêmica, que deve ser analisada pelo analista, pois esta adquire identidade e é um vértice transgeracional, ou seja, engloba no mínimo três gerações em interação, que varia no tempo com constantes transformações. Quando um dos seus integrantes entra em uma forma de crise, essas transformações se manifestam direta ou indiretamente, pois todo o grupo é atingido, podendo funcionar como grupo operativo, construtivo e estruturante, em caso de família sadia, ou desestruturante e até destrutivo, nas famílias patológicas. É justamente neste contexto familiar que surge a necessidade de construir uma terapia direcionada a família, para tentar a resolução de conflitos.

Segundo Zuanazzi (2014), o atendimento do grupo familiar apresenta peculiaridades em relação ao fenômeno de transferência, que se reflete no terapeuta e se amplia nos demais membros que compõem o grupo. A intervenção em grupo familiar é bastante complexa devido à comunicação própria e dinâmica do grupo, e a variação de idades na mesma sessão (FRANCO, 2016). De acordo com Zimerman (2008), o terapeuta deve ter uma atenção especial com o grupo familiar para não concentrar a atenção em um único membro da família, tornando esse membro o centro da terapia. Algumas famílias elegem um membro como “depositário”, ou seja, o paciente identificado. Com essa dinâmica apresentada, o terapeuta busca revelar a farsa inconsciente. Fatos comuns encontrados na terapia familiar são os segredos familiares que são fatos que todos têm conhecimento, porém não falam a respeito. Os mitos familiares são bem comuns e se apresentam como uma compulsão à repetição de geração em geração. Outro fato a ser observado é, se o pai ou a mãe não estão impondo seus próprios desejos em relação a seus filhos quando fazem escolha com alegação que é para o bem dos filhos, impedindo-os de que criem seus próprios desejos ou, quando isso ocorre ao contrário, os pais só fazem algo que os filhos desejam, condição que contribui para o reforço da onipotência dos filhos.

Conclusão: As mudanças que ocorrem dentro deste núcleo podem proporcionar importantes transformações para todos os membros da família ou provocar uma desestabilização deste ambiente estrutural do núcleo familiar. Cada vez mais famílias procuram tratamento trazendo como principais queixas, problemas na comunicação e na sexualidade, problemas com os filhos e, mais frequentemente, a deterioração gradativa da relação familiar. Tais queixas se manifestam em forma de sentimentos reprimidos, frustrações, projeções ou de comportamentos agressivos ou omissos. Quando o terapeuta é solicitado a intervir em um grupo familiar, sua função é propiciar a autonomia no psiquismo individual de cada um dos membros familiares interpretando, suas emoções, o amor conjugal, filial, fraterno e o funcionamento dos papéis sexuais presentes no seio familiar, ou seja, mantendo sua neutralidade enquanto terapeuta e desenvolvendo uma homeostase harmônica naquele grupo familiar.

Referências

- MIRANDA, C. E.S. Família, Psicanálise e sociedade. **Revista Kaleidoscópio** 1, 2009. Disponível em: https://www.faculdadeteologicanacional.com.br/portal/aluno/livros/FAMILIA_PSICANALISE_SOCIEDADE.pdf. Acesso em: 20 maio 2017.
- RODRIGUEZ, B. C.; GOMES, I.C.; OLIVEIRA, D.P. Família e Nomeação na Contemporaneidade: uma Reflexão Psicanalítica. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 8, n. 1, p.135-150, Londrina, jun. 2017.
- ZIMERMAN, D. E. **Manual de Técnica Psicanalítica: Uma re-visão**. Porto Alegre: Artmed-Biomedicina, 2008.
- ZUANAZZI, A. C.; SEI, M. B. Psicoterapia familiar psicanalítica: reflexões sobre os fenômenos transferenciais e contratransferenciais em um serviço-escola de psicologia. **Vínculo**, v.11, n.1, p.16-24, São Paulo, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180624902014000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 out. 2017.
- FRANCO, R. S; ALMEIDA, M. C. S.; SEI, M. B. Recursos artístico-expressivos na terapia familiar: um estudo teórico-clínico. **Rev. Psicol. UNESP**, v. 15, n.1, p.40-52, Assis, jan.2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198490442016000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 out. 2017.

HABILIDADE DE RECONHECIMENTO DE EMOÇÕES FACIAIS, APONTAMENTOS ACERCA DE MÉTODOS E TÉCNICAS

Ana Arruda¹; Débora Oliveira²; Fernanda Caló³; Leoni Muniz⁴; Miriam Sakai⁵; João Paulo Martins⁶

¹ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anamaarruda@outlook.com

² Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deboraosodrak2@gmail.com

³ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – nandasc15@hotmail.com

⁴ Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - leoni.cesar.muniz@gmail.com

⁵ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – miriamdhulia@outlook.com

⁶ Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
joao.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Comunicação não-verbal, emoções, expressões faciais, microexpressões.

Introdução: Tornar-se consciente do momento em que está ficando emocionado, administrar a situação de forma a escolher como se comportar diante de determinada emoção, estar sensível à maneira como outros estão se sentindo e usar cuidadosamente as informações a respeito do sentimento dos outros são habilidades relacionadas à comunicação não-verbal. Tais habilidades são necessárias para melhorar a relação com as pessoas em diversos contextos (EKMAN, 2011). Ekman, realizou estudos interculturais relacionados à natureza das emoções que conduzem a maioria das pesquisas atuais no âmbito das expressões faciais e afirma que o controle da linguagem facial pode ser aprendido, assim como sua interpretação desde que seja treinado. Porém, o mesmo afirma que, qualquer um que afirme categoricamente que alguém está mentindo está mal orientado ou é um charlatão. Buscando compreender alguns aspectos relativos às emoções e expressões faciais, citaremos alguns trabalhos do psicólogo Dr. Paul Ekman que é considerado pioneiro e referência em pesquisas neste âmbito, bem como estudos recentes que reiteram, agregam e realizam aplicações nesta área do conhecimento científico.

Objetivo: Realizar uma revisão bibliográfica acerca da habilidade de reconhecimento de expressões faciais bem como dos métodos de detecção de microexpressões faciais e sua relevância para a Psicologia.

Relevância do Estudo: A habilidade de reconhecimento das expressões faciais de emoções reveste-se de grande importância para a compreensão das relações humanas, tendo-se em vista que a maior parte da comunicação se dá de forma não-verbal. Para a psicologia, o estudo em questão contribuirá para a expansão do arcabouço teórico da área, bem como levará profissionais a refletirem suas atuações.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão de literatura, em que foram realizadas buscas em bases de dados online, consulta a livros de autores conceituados na área, e selecionados os estudos mais recentes que permitiram compreender quais os métodos utilizados na detecção de expressões faciais e a importância de tais estudos para o profissional de Psicologia.

Resultados e discussões: As expressões faciais funcionam como um elemento não-verbal da comunicação, elas denotam emoções sem que haja a necessidade de conteúdo verbal (palavras). Segundo Rodrigues e Rocha (2016), as emoções estão associadas à produção de respostas corporais que nos preparam para ação. Elevado número de teóricos da área

da Expressão Emocional consentem que existam seis emoções fundamentais: alegria, medo, surpresa, fúria, tristeza e nojo, todavia há um grupo menor que concorda com a existência de mais duas emoções, interesse e desprezo (SOUSA, 2010). As emoções básicas são comunicadas pelos indivíduos por meio de expressões faciais. Tais expressões são consideradas como universais e inatas, todavia, a expressão e gestão das mesmas serão influenciadas por aspectos específicos de cada cultura (EKMAN, 2011). No curso do desenvolvimento de estudos nesta área, foi percebida a necessidade de instrumentos objetivos que se beneficiassem desse novo conhecimento, fundamentado por um método que desse aos cientistas um padrão de medição e avaliação dos movimentos faciais (DONATO et al, 1999). Tradicionalmente a Psicologia se utiliza da observação para compreender o significado das expressões faciais, porém, existem expressões que podem ocorrer em menos de meio segundo, passando despercebidas pela simples observação, denominadas de microexpressões. As microexpressões ocorrem quando o indivíduo busca encobrir, reprimir ou esconder o que está sentindo, bem como representam sinais de estresse que ocorrem quando os sistemas cognitivo e emocional entram em um conflito neural permitindo a evasão de manifestações físicas (EKMAN, 1999 apud CUVE, 2015). Compreender as microexpressões permitiu o desenvolvimento de métodos como o *Facial Action Coding System (FACS)*, desenvolvido por Ekman e Friesen, o *FACS*, método que permite medir toda expressão facial ou comportamento facial visível. Existem duas descobertas importantes ligadas à construção do *FACS*, uma é a de que este método auxilia na identificação de mentiras, visto que existem músculos na face que não podem ser opcionalmente manipulados e outra é a de que imitar uma expressão facial ativa um processo fisiológico correspondente a tal emoção. Além disso, os estudos de Ekman evidenciaram a presença de microexpressões em gravações de entrevistas terapêuticas de pacientes com depressão que tentaram suicídio após receberem alta, evidenciando a importância da habilidade de reconhecimento de expressões faciais no sentido de decodificar aspectos implícitos na comunicação (PEG, 2014).

Conclusões: A partir deste estudo foi possível concluir que a área de da Psicologia que diz respeito a Comunicação não-verbal está intimamente ligada a área da Neuropsicologia e tem ganhado espaço e credibilidade devido ao avanço dos métodos científicos de pesquisa. Concluimos também que, a habilidade de reconhecimento de expressões faciais se mostra fundamental ao profissional de psicologia, tendo em vista que a expressão facial (especialmente as microexpressões) são indicativos soberanos do estado psicológico de um indivíduo.

Referências

- CUVE, H. C. J. Expressões Faciais das Emoções e Micro Expressões: Evidências e Potencialidades. **Psicologia Moderna**. 2015.
- DONATO, G., BERLETT, M. S., HAGER, J.C., EKMAN, P., SEJNOWSKI, T.J. Classifying Facial Actions. **IEEE transactions on pattern analysis and machine intelligence**, 21(10), 1999.
- EKMAN, P. Facial Expressions. In Dalglish, T., & Power, M. (Eds). **Handbook of Cognition and Emotion**. New York: John Wiley & Sons Ltda., 1999.
- EKMAN, P. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de papel, 2011.
- PEG, **Paul Ekman Group**. In Micro Expressions. 2014. Disponível em <http://www.paulekman.com/micro-expressions/>. Acesso em out/2017.
- RODRIGUES, H., ROCHA, F. L. Uma definição constitutiva de emoções: a constitutive definition of emotions. **Revista Húmus**, 5(15), 18–32, 2016.
- SOUSA, C. Emoções e Expressão Facial: Novos Desafios. **Psicologia**, Vol. XXIV (2), 2010, Edições Colibri, Lisboa, pp. 17-41, 2010.

GRUPOTERAPIA PSICANALÍTICA: DE FREUD A PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Matheus de Lima Vasconcelos¹; Maria Luisa Ramalho F. da Silva²; Marcello Eduardo de Souza Stefanini²; Ednei Rodrigues Braga²; Profa. Ms. Cristiane Dameto³;

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
matheuslimavasconcelos93@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB marialuisa.ramalhof@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB marcellostefanini97@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB edneibraga@uol.com.br;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB crisdameto@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: grupoterapia, psicanálise, processos grupais

Introdução: Segundo Zimerman (1993) de forma direta ou indireta a maioria dos psicanalistas, seja qual for sua corrente ou geração, contribuiu e vem contribuindo para o desenvolvimento compreensivo dos grupos e da técnica grupal. O próprio Freud que, apesar de nunca ter praticado ou mesmo recomendado a grupoterapia, trouxe contribuições teóricas específicas à psicologia dos grupos humanos, visto em algumas de suas obras como: As perspectivas, futuras da terapêutica psicanalítica (1910), a qual faz uma previsão ao dizer que todo êxito do processo psicanalítico sobre o indivíduo será igualmente na coletividade; Totem e Tabu (1913), em que Freud percorre nas leis sociais das culturas e afirma que estas sofreram intermédio do inconsciente da humanidade; Psicologia das massas e análise do ego (1921). Sendo que nesta última obra Freud (1990, p. 10) afirma que “na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado”.

Tal obra é considerada a mais importante para a compreensão dos grupos por uma perspectiva da psicodinâmica, Freud faz uma revisão dos seguintes temas: psicologia das multidões, grandes grupos artificiais (igreja e exército), processos identificatórios (projetivos e introjetivos) e as lideranças, que influenciam na coesão e desagregação dos grupos. (PICHON-RIVIÈRE, 2005). A concepção de grupo percorreu também ao longo do período da Psicanálise Clássica, em que Melanie Klein, apesar de, também, não ter feito referência alguma à terapia de grupos, abre um enorme campo de investigação para esta área. Através de sua vasta contribuição teórica, sobretudo do fenômeno de Identificação Projetiva (1946), fundamentou, por exemplo, a teoria de Pichon-Rivière, psicanalista francês, que começou a observar a influência do grupo primário, a família, em seus pacientes, além de desenvolver uma nova intervenção grupal denominada de Grupos Operativos. Pichon-Rivière utilizou da escola kleiniana a concepção de que o indivíduo internaliza as relações objetais primárias e a partir de então passa a constituir em seu psiquismo um grupo interno, que para Pichon consistiria nos vínculos internos, os quais irão ser reproduzidos através do ego as relações grupais (ZIMERMAN, 1993). Todas estas conceituações, são consideradas fundamentais para a construção teórica-técnica das grupoterapias, dentre outros teóricos está o psicanalista Bion, também, um importante contribuinte para a noção de grupo em psicanálise. Bion, em suma, discorreu acerca de seu conceito dos supostos básicos, que se destacando ao fim dos anos de 1940. Trata-se de uma concepção de que quando um grupo é reunido em prol de um objetivo ou trabalho, este estará sujeito ao surgimento de estados mentais compartilhados que irão se opor ao cumprimento do objetivo. De forma geral, Bion contribuiu com a concepção de que há um estado mental comum a um grupo, como uma espécie de “intersique” (OSÓRIO, 2008).

Objetivos: O presente trabalho objetivou a exploração dos aspectos teóricos e metodológicos da grupoterapia psicanalítica. Considerando o aspecto histórico da construção da concepção de grupo a partir de uma perspectiva psicanalítica.

Relevância do Estudo: O presente levantamento bibliográfico justifica-se pela construção teórica acerca de uma modalidade de psicoterapia, bem como de sua construção histórica. Tal compreensão contribui para a formação acadêmica e para a reflexão crítica acerca da temática.

Materiais e métodos: Foi realizado um estudo de obras consideradas referências no assunto, dos autores Freud, Osório, Zimerman e Pichon-Rivière.

Resultados e discussões: Após percorrer historicamente por alguns dos teóricos que contribuíram para a construção teórico-técnica da grupoterapia, iremos discorrer agora, acerca da prática de grupoterapia psicanalítica na atualidade. Isto a partir da experiência de Zimerman, autor o qual é referência nas práticas de grupoterapia psicodinâmica nos dias de hoje. Segundo o próprio Zimerman (2008) a grupoterapia inicia-se na seleção para a formação de um grupo, nesta etapa é realizado entrevistas individuais prévias, avaliação do nível e grau da psicopatogenia e da motivação da pessoa, em relação a como encara o tratamento e sua disposição para fazer verdadeiras mudanças. A partir de então, alguns fenômenos emergidos nesta modalidade terapêutica caracterizam-se como particulares a esta. Sendo então o setting terapêutico, atualmente, constitui-se por um enquadre grupal que irá proporcionar o espaço para a que os pacientes possam reexperimentar velhas vivências emocionais de relações objetais conflituosas, possibilitando uma ressignificação e reconstrução do grupo familiar internalizado em cada paciente. Conforme na psicoterapia individual, os conceitos de resistência e contra-resistência, além de transferência e contra-transferência também tomam seu espaço no grupo e são sistematizados de forma similar. A comunicação é um aspecto que sofre constantes transformações dentro de um grupo, sendo esta uma variável de extrema importância no trabalho grupal, uma vez que ela irá colaborar para que o grupo de torne funcional ou mesmo disfuncional. O *acting* ocorre no momento em que o terapeuta faz uma interpretação correta, sendo uma forma do grupo expressar-se através de uma atuação e isto ocorre quando os pacientes não conseguem verbalizar ou se lembrar de vivências, ou quando estão em movimento de negação. A interpretação em grupo ocorre em modalidades tais como esclarecimento, confrontação e assinalamentos paradoxos e são direcionados ao grupo, pois a interpsique possibilita esta comunicação inconsciente entre os membros do grupos. A finalidade da grupoterapia consiste no momento em que, a partir da integração dos insights parciais, ocorre o processo de elaboração, resultante em um insight total e possibilita a ressignificação ou cura.

Conclusão: Conclui-se que a metodologia acerca da grupoterapia psicanalítica percorreu significativas mudanças históricas desde seu surgimento, ou ainda, de seu desenvolvimento histórico. Caracterizando uma evolução histórica e científica de tal modalidade terapêutica.

Referências

- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
OSÓRIO, L. C. *Grupoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed, 1993.
_____. *Manual de técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GERAÇÃO, GÊNERO E MASCULINIDADES NO USO DE SERVIÇOS DE ATENÇÃO BÁSICA DO NORDESTE BRASILEIRO

Florêncio Mariano da Costa Jr¹

¹Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
mcostajunior@gmail.com;

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Masculinidade; Identidade de Gênero; Atenção Primária à Saúde; Saúde do Homem.

Introdução:

Nas últimas décadas, estudos no campo da saúde coletiva confirmam condições desfavoráveis de saúde da população masculina. Tais condições são multideterminadas por fatores ambientais, biológicos e sociais que no âmbito da construção social das masculinidades produzem desfechos negativos na saúde da população masculina. Fatores como gênero, raça/etnia, classe social e geração, dentre outros, influenciam a forma como homens de diferentes faixas etárias lidam com o processo saúde/doecimento e com o uso dos serviços de saúde (Couto, Schaiber e Ayres, 2009). A classe social e o gênero são determinantes em saúde reconhecidamente estudados no campo da saúde, no entanto a categoria geração é pouco explorada e muitas vezes reduzida a uma análise etária e quantitativa (Barata, 2006).

Objetivos: O presente estudo investigou se e como os fatores geracionais em articulação com gênero produzem, em homens de três cidades do Nordeste e de diferentes gerações, expressões de necessidades de saúde e modos distintos de lidar com ela. E, a partir daí, analisou o quanto tais diferenciais produzem variações no uso de serviços em atenção primária e no cuidado à saúde (Manheim, 1993).

Relevância do Estudo: Mcdaniel (2004) analisa que as políticas de bem estar social e justiça compreendem espaços de práticas institucionalizadas e normativas que estão profundamente estruturadas no processo social e na geração e que as intersecções entre gênero, classe social e geração produzem trocas de ganhos e riscos ao longo do curso de vida. Entretanto, são escassos os estudos que tematizam as perspectivas geracionais de modo a incluir conexões importantes entre gênero, geração e classe social (Mcdaniel, 2004; Tomizaki, 2010).

Materiais e métodos: Para alcançar estes objetivos a presente pesquisa analisou entrevistas coletadas com usuários, de 16 a 74 anos, em 04 serviços de atenção primária orientados pela Estratégia de Saúde da Família (ESF), localizados na região Nordeste, nas cidades de Recife, Olinda e Natal. Estas entrevistas foram inicialmente coletadas no estudo multicêntrico sob o título “Saúde da população masculina na atenção primária: tendência histórica e representações sobre necessidades, acesso e uso de serviços em cidades de quatro estados do Brasil (RN, SP, PE e RJ). Um total de 58 entrevistas audiogravadas e transcritas integralmente foram selecionadas e analisadas a partir dos fundamentos do método de interpretação de sentidos, baseado em princípios hermenêuticos-dialéticos que buscam interpretar o contexto, as razões e as lógicas de falas, ações e inter-relações entre grupos e instituições. A análise contempla os grupos geracionais de jovens (entre 16 a 29 anos), de adultos (entre 32 a 54 anos) e de idosos (entre 55 a 74 anos) que compartilham coletividades e experiências comuns relacionadas ao uso de serviços de saúde em atenção primária.

Resultados e discussões: Os resultados apresentaram informações relevantes sobre as formas como homens de diferentes grupos geracionais entendem a masculinidade e sua influência sobre os cuidados com a saúde e o uso de serviços, bem como a forma como estas masculinidades e as posições geracionais juntas podem amplificar as vulnerabilidades destes no campo da saúde. Os dados revelaram possíveis influências entre os contatos originais nos contextos de uso dos serviços de saúde que podem definir a forma como os homens lidam com os serviços de saúde ao longo da vida. As rupturas e as permanências que se relacionaram com o exercício das masculinidades diante dos processos de saúde-adoecimento foram apresentadas e discutidas de modo que a relação entre homens e atenção básica à saúde fosse compreendida em uma perspectiva geracional.

Conclusão: A discussão de uma temática complexa como a que foi proposta neste estudo, não esgota as inúmeras possibilidades de investigação que, além de necessárias, podem contribuir para o entendimento dos lugares ocupados pelos homens, tanto no espaço físico das unidades de saúde, quanto do lugar simbólico das masculinidades e suas relações com a saúde-adoecimento e cuidado. Advogamos que ao estarem estreitamente vinculados às condições de saúde de um povo, os fatores geracionais são parte dos multideterminantes no processo saúde e adoecimento. Entretanto os estudos sobre geração, dentro e fora do campo da saúde, parecem apresentar um problema crônico de imprecisão conceitual, sendo utilizada de maneira excessivamente fluida e perigosamente influenciada pelo uso cotidiano da palavra, tal como reconhecido por Tomizaki (2010).

Referências

BARATA, R. B. Desigualdades Sociais e saúde. In: CAMPOS, G. W. E. C. O. (Ed.). **Tratado de saúde coletiva**. Rio de Janeiro: HUCITEC/FIOCRUZ, 2006. p.p. 201-30

COUTO, M.; SCHAIBER, L. B.; AYRES, J. R. Aspectos sociais e culturais da saúde e da doença. In: MARTINS, M.; CARRILHO, F., *et al* (Ed.). **Tratado de Clínica Médica**. São Paulo: Manole, v.1, 2009. p.350-356.

MCDANIEL, S. A. Generationing gender: Justice and the division of welfare. **Journal of Aging Studies**, v. 18, n. 1, p. 27-44, 2004.

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, p. 193-242, 1993.

TOMIZAKI, K. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educação & Sociedade**, v. 31, p. 327-346, 2010

GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA BAURUENSE

Diego Pires Rodrigues¹; Ms. Sonia Maria Alves Paschoal²;

¹Aluno de Pedagogia – Universidade do Sagrado Coração – USC – diegopiresrodrigues@gmail.com;

²Professora do Curso de Psicologia – Universidade do Sagrado Coração – USC – sonia_paschoal@yahoo.com.br;

Grupo de trabalho: PEDAGOGIA

Palavras-chave: Representações sociais. Gênero. Adolescência. Ensino Médio.

Introdução: A adolescência se refere a um fenômeno em movimento em uma sociedade que se transforma rapidamente, o que ressalta a importância de se aprofundar estudos sobre diferentes representações sociais do adolescente no contexto da escola. Este trabalho revela resultados parciais da Pesquisa de Iniciação Científica do PIBIC-EM 2016/2017 da Universidade do Sagrado Coração com tema “Representações sociais de gênero: análise dos sentidos e significados atribuídos por adolescentes do ensino médio de uma escola pública bauruense”, que faz uma análise das representações sociais de adolescentes sobre gênero e identifica o núcleo central e os elementos periféricos que as constituem. Foram sujeitos desta pesquisa 20 estudantes do ensino médio de uma escola pública de Bauru para verificar que percepções têm sobre esse assunto, visto que uma das características dessa fase do desenvolvimento humano é segundo Volpe (2010) ser agente propulsor de mudança social. Para tal finalidade foi escolhida a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978) e sua Abordagem Estrutural – Teoria do Núcleo Central (SÁ, 1998; ABRIC, 1994; 2000) como referencial teórico-metodológico para a coleta e análise dos dados.

Relevância do Estudo: O adolescente está rodeado por diversos meios de informação e se não há uma formação precisa de profissionais para orientá-los acerca da sexualidade e suas identidades de gênero ficam à disposição para compreenderem da forma que julgarem necessário o que ouvirem. A disseminação de ideias entre eles é constante, por isso há a necessidade de unir o que aprendem em diversos grupos sociais com os ensinamentos técnicos e formadores da escola. Integrar a teoria das representações sociais na compreensão das relações entre gênero e educação possibilita reflexões significativas que podem oportunizar a superação de comportamentos sexistas nas instituições escolares e na sociedade. Pesquisar gênero na escola traz fatores importantes acerca deste tema, visto que há poucos estudos que se envolvem e aprofundam nele (MAROLA; SANCHES; CARDOSO; 2011). Assim, este trabalho traz a visão de adolescentes que embasa as discussões de indivíduo e sociedade respondendo quais as representações sociais que eles tem sobre gênero e os sentidos e significações de suas práticas dessas representações.

Materiais e métodos: Se caracteriza como qualitativa que contextualiza uma sociedade “com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Ela aprofunda a complexidade de fenômenos, fatos e processos; passa pelo observável e vai além dele ao estabelecer inferências e atribuir significados ao comportamento” (SILVA, 2010, p. 6). Os dados foram coletados por meio de um questionário com a técnica de associação livre de palavras (evocações), analisadas pela técnica da análise de conteúdo (FRANCO, 2012) e referenciais teóricos que versam sobre as representações sociais, gênero e educação.

Resultados e discussões: Para chegar aos resultados parciais foi preciso passar pelo processo de definição das categorias (FRANCO, 2012), ou seja, categorizar as evocações por núcleos com conotação positiva, conotação negativa e evocações de termos diversos,

utilizando a frequência dos termos escritos e lembrados na coleta de dados. Por meio da análise dos dados foi possível identificar 100 evocações que representam “gênero, sexualidade e educação”, sendo 25 delas mais significativas e 05 com maior frequência: respeito (06); preconceito (04); aprendizado (04); escolha (03) e liberdade (03). É relevante salientar que foram identificadas 11 palavras relacionadas com conotação positiva; 9 relacionadas com evocações de termos diversas e 5 com conotação negativa. Os resultados revelam que a representação é significativamente positiva, visto que 44% das evocações são positivas, pois tiveram a oportunidade de refletir sobre suas práticas sobre gênero na sociedade e também como eles próprios são afetados pelos padrões impostos em sua vivência social e pela exigência de reproduzir padrões estabelecidos por grupos e instituições diversas, como família e escola. Em sequência 36% com evocações de termos diversos que faz menção ao contexto histórico da definição de “gênero” e apenas 20% mencionam negativamente a representação dos termos, vista como preconceito.

Conclusão: Os participantes relataram em suas formações de representações sociais uma experiência de preconceito, que muitas vezes são vividas em suas relações familiares e em ambientes escolares. A investigação alcançou os objetivos propostos e após os resultados parciais, revela-se de suma importância realizar pesquisas acerca de gênero na adolescência, e que o tema pesquisado evidencia discussões cotidianas da prática social dos adolescentes com uma discussão sem embasamento teórico e reflexão valorativa, que precisa ser versada no contexto histórico acerca das percepções sobre gênero que eles têm construído no contexto das relações sociais de uma sociedade desigual e pautada por uma ética de injustiça social, bem como uma repetição de padrões impostos pela mídia com suas representações de gênero. Assim, é preciso intensificar as pesquisas e políticas educacionais de gênero nas escolas, bem como formar gestores com uma visão clara da transformação da sociedade, que valorize as escolhas de cada indivíduo socialmente.

Referências

- ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2.ed. Goiânia: AB, 2000, p. 27-38.
- _____. ABRIC, Jean-Claude. Méthodologie de recueil des représentations sociales. In: ABRIC, Jean-Claude. **Pratiques sociales et représentations**. Paris, Presses Universitaires de France, 1994, p. 59-82.
- FRANCO, Maria Laura P. B., **Análise de conteúdo**. 4.ed. Brasília: Liber Livro, 2012.
- MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicol. educ.**, São Paulo, n.33, p.95-118, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 ago. 2017.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SILVA, G. C. R. F. da. O método científico na psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. **Psicologia.com.pt**, 2010. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0539.pdf>> . Acesso em: 16 set. 2016.
- VOLPE, Geruza Cristina Meirelles. Jovens e juventude(s): questões frutíferas e prementes para educadores e pesquisadores da EJA. **Cadernos de Textos do DEPEJA**, n. 1, dez., p. 97-112, 2010.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O INÍCIO DA PSICOLOGIA: PSICOLOGIA CIENTÍFICA OU FILOSOFIA?

Leonardo Peres Navarro¹; Lays Stefani da Cruz²; Dilson Brito da Rocha³.

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leonardoperes@msn.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lasthefanie@hotmail.com;

³Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – dilsondarocha@hotmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Psicologia, história, filosofia, Wundt, James, científica.

Introdução: Definir precisamente o início da psicologia e sua abrangência é algo difícil. Assim como outras ciências, a psicologia e seus questionamentos subjetivos florescem da filosofia. Os gregos foram pioneiros na tentativa de sistematizá-la (BOCK et al., 2001). O próprio binômio origina do grego *psiché*, que significa alma, e *logos*, que refere a razão. Desta forma, estudos de interesse dos psicólogos aconteciam cerca de 2.500 anos atrás (SCHULTZ et al., 2005). Entretanto, a psicologia que conhecemos hoje, ou seja, psicologia moderna, nasce em estudos há pouco mais de 200 anos (SCHULTZ et al., 2005). Wundt (1832-1920) e James (1842-1910), contribuidores robustos na formação da nova psicologia, propuseram um projeto científico para afastá-la de temas com estófo metafísico (GOODWIN, 2008). Para eles, era imprescindível separar os conteúdos abordados pela filosofia e definir um método de estudo próprio. Acreditavam que a psicologia precisava adquirir uma unidade, ou seja, um objeto de estudo claro e bem definido, delimitando o campo de estudo, a fim de ganhar *status* de ciência (ABIB, 2009). Outrossim, são considerados na história da psicologia dois períodos: i- pré-história, com seus precursores filosóficos e ii- psicologia científica, proposta pleiteada por Wundt e James (CAMBAUVA et al., 2009).

Objetivos: Com o presente trabalho temos o objetivo de investigar, através da revisão literária, as bases de dados PEPSIC, SCIELO e bibliografia básica do curso de psicologia, se na história da psicologia seu nascimento é atribuído ao período filosófico (pré-história) ou se no científico (moderno).

Relevância do Estudo: Estudar a história da psicologia é estudar também nossa história (CAMBAUVA et al., 2009). Levando em conta que o início da psicologia é um assunto muito enfrentado na graduação, a pesquisa se faz relevante perante os múltiplos questionamentos provocados.

Materiais e métodos: Realizou-se uma revisão de literatura, na bibliografia básica do curso de psicologia e nas bases de dados SCIELO e PEPSIC, nos textos de 1995 a 2015. As palavras chave usadas foram: “Início da psicologia”, “Wundt e James”, “Filosofia e Psicologia”.

Resultados e discussões: Inicialmente, quatro livros que abordam a história da psicologia foram revistos. Em *Introdução à Psicologia*, de Hilgard (2002), consta que o início da psicologia foi proposto por Wundt em 1879. O autor reconhece as bases filosóficas e nomeia o período antecedente de “raízes da psicologia”. O segundo livro revisado foi *História da Psicologia Moderna*, de Goodwin (2008). Neste o autor faz referência a Furumoto (1989) que divide a história da psicologia em “história velha”, ênfase às realizações dos filósofos, e “história nova”, a psicologia científica. No livro *História da Psicologia Moderna*, de Schultz (2005), é apresentada uma linha do tempo para registrar os eventos da psicologia moderna. O início da linha é datado de 1850, onde iniciou-se os primeiros estudos científicos

relacionados a psicologia, entretanto, é dedicado um capítulo sobre as influências filosóficas na psicologia. Já no livro *Psicologia*, de Myers (2013), se data o início da linha do tempo no séc. IV a.C. São consideradas as primeiras reflexões dos processos mentais propostas por Platão e Aristóteles. O autor defende a ideia de história da psicologia muito ampla = visão pluralista. Ressalta a importância de todo caminho filosófico para o nascimento da psicologia. No mais, foram analisados 20 artigos, utilizando os filtros e os métodos de busca. Depois de lidos, foram selecionados 7. No artigo “O projeto de psicologia científica de Edward Tolman” (2009), de autoria de Carlos Eduardo Lopes, se evidencia os principais embates que o projeto de psicologia científica enfrentou para se desvencilhar do mentalismo, reconhecendo que a psicologia nasce na cisão da psicologia “não-científica”. No artigo de Saulo de Freitas Araújo: “Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt” (2009), por outro lado, se apresenta os pressupostos filosóficos que envolveram a fundamentação do projeto de Wundt, apontando que a filosofia ocupa um papel central em seu programa. O autor acusa os psicólogos que ignoraram as discussões filosóficas, salientando a necessidade da reflexão sistemática e a ampliação dos horizontes da fundamentação filosófica da psicologia. O artigo “Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia” de Lenita Gama Cambaúva, Lúcia Cecília da Silva e Walterlice Ferreira (1998), está apoiado na premissa de que a psicologia foi construída à medida que o homem foi evoluindo na história, ou seja, há o reconhecimento das ideias psicológicas imersas na filosofia. Assim, o início do pensamento psicológico se dá entre os gregos e, bem posteriormente, desembocará numa psicologia científica. No texto de Hélio Honda, “Notas sobre a noção de inconsciente em Wundt e Leibniz” (2004), é apontado, novamente, um equívoco na compreensão do pensamento wundtiano, defendendo uma relação estreita entre a ciência filosófica e a psicologia proposta por ele. José A. D. Abib traz em seu artigo, “Prólogo à história da psicologia” (2005), a importância do pré-texto filosófico na psicologia, assinalando que as investigações históricas dos textos psicológicos apontam grande presença da filosofia. No texto “Brentano e Wundt: Psicologia Empírica e Experimental” (1921) de Edward Bradford Titchener, é assentido que Brentano e Wundt são grandes contribuidores para a nova psicologia; aquele se dedicou às reflexões filosóficas (antiga e medieval), ao passo que este propôs nos laboratórios, uma ciência independente. Contudo, ambos influenciaram os campos de investigação da filosofia e psicologia.

Conclusão: Nos estudos aqui revisados há indícios de uma vasta contribuição da filosofia para a gênese da psicologia. ABIB (2009) faz uma pertinente diferenciação entre os distintos períodos da história da psicologia, sugerindo duas perspectivas: 1) epistemologia unitária ou singular e 2) epistemologia pluralizada. A partir daí, podemos inferir que, historicamente, a psicologia bebeu de muitos conhecimentos, principalmente da fonte filosófica. Ela se fez e se faz num processo contínuo. Consequentemente, negar suas raízes é o mesmo que aniquilar sua história, selada pela indelével tradição filosófica.

Referências

- ABIB, J. A. D. Epistemologia pluralizada e a história da psicologia, **Revista Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-208, 2009.
- BOCK, A. N. B.; FURTADO, F.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- CAMBAUVA, L. G; SILVIA, L. C.; FERREIRA, W. **Revista Estud. Psicol**, Natal vol.3 no.2 Natal July/Dec. 1998.
- GOODWIN, C. J. **História da Psicologia Moderna**. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da Psicologia Moderna**. 8ª ed. São Paulo: Thomson, 2005.

AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS E AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES

Katiúcia Q. Q. D. Marquezin¹; Mariana Fachini Esperança²; Sandro Caramaschi³

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem – UNESP - Bauru katiuciamarquezin@yahoo.com.br

²Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem – UNESP – Bauru fachiniesperanca@gmail.com

³Professor do Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem – UNESP – Bauru caramas@fc.unesp.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: adolescentes – habilidades sociais – autoestima – avaliação psicológica

Introdução: A adolescência é caracterizada pela transição da infância para a vida adulta, em que, o indivíduo passa a ter necessidade de se integrar socialmente e se auto-afirmar. No início da adolescência há o aumento do índice de depressão e a queda na autoestima e que há possível ligação ao excesso de novas exigências e mudanças que o adolescente é submetido, e que as formas de enfrentamento a essas mudanças tendem a ser essencial para a diminuição do estresse e menor probabilidade de uma autoestima diminuída (BEE, 1996). Ter comportamentos habilidosos socialmente contribui para a inserção social e favorece o desenvolvimento de repertórios de auto-aprovação individual e grupal, pois a autoestima expressa os comportamentos e valores que o indivíduo tem para si mesmo (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2006). A auto-estima tem sido igualmente relacionada com as habilidades sociais e ao desempenho social, uma vez que ela pode influenciar a expectativa que as pessoas possuem sobre o resultado de seu próprio desempenho, uma vez que o conceito de autoestima relaciona-se com uma tendência relativamente estável de sentir-se bem ou mal a respeito de si mesmo. (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999).

Objetivos: Este trabalho buscou identificar a correlação entre habilidades sociais e autoestima de adolescentes.

Relevância do Estudo: Um dos problemas mais recorrentes apresentados na literatura é a autoestima baixa correlacionada aos déficits em habilidades sociais. Em decorrência de sucessos e fracassos nessas interações, temos como hipótese de que a autoestima apresente uma correlação com habilidades sociais, pois a autoestima incide sobre a forma, estável ou não que o sujeito avalia seu próprio valor, valorizando a si e o outro, refletindo positiva ou negativamente em suas relações.

Materiais e métodos: A amostra de conveniência foi composta por adolescentes com idades de 13 a 17 de ambos os sexos, totalizando 42 alunos. A coleta de dados ocorreu de forma coletiva em ambiente de sala de aula, após a autorização e consentimento dos pais e do próprio adolescente, com a entrega dos seguintes documentos assinados: termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) e termo de assentimento livre e esclarecido (TALE), seguidos de informações sobre a pesquisa e esclarecimento de dúvidas. Todos os critérios éticos foram cumpridos na realização desta pesquisa. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del Prette) (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2009), este instrumento de autorrelato, nos permite avaliar o repertório de habilidades sociais de adolescentes em um conjunto de situações interpessoais cotidianas. Os resultados dos dados foram analisados pelos escores totais referentes às dificuldades e frequência de comportamentos; utilizou-se também, a Escala de Autoestima de Rosenberg (HUTZ & ZANON, 2011; GOBITTA & GUZZO, 2002), instrumento multidimensional capaz de classificar o nível de autoestima em baixo, médio e alto, possui dez itens, sendo seis

referentes a uma visão positiva de si mesmo e quatro referentes a uma visão autodepreciativa. As opções de resposta são “discordo totalmente”, “discordo”, “concordo”, e “concordo totalmente”. A disposição dos itens no formato Likert de quatro pontos foi realizada para facilitar a compreensão dos adolescentes. Após correção dos instrumentos, os resultados das respostas de todos os participantes foram armazenados em planilhas eletrônicas, utilizando o software Excel 2007. O software BioEstat 5 foi utilizado para as análises estatísticas descritivas com o levantamento de médias e desvios-padrão.

Resultados e discussões: Os resultados encontrados nas variáveis autoestima e habilidades sociais demonstraram que ambos os sexos apresentam repertório médio inferior, indicativo de treinamento em habilidades sociais. O Teste de Mann-Whitney demonstrou diferença significativa entre os sexos para dificuldades na apresentação de habilidades sociais ($U=132,50$; $p=0,0268$), com maior dificuldade entre as participantes femininas ($M=65,90$) do que nos masculinos ($M=53,09$); na autoestima ocorreu uma diferença estatística ao nível de 10% ($U=607,00$; $p=0,0662$) com valores menores entre as participantes femininas ($M=26,13$) do que entre os masculinos ($M=28,06$). Nas análises realizadas por meio do Índice de Correlação de Spearman (r_s), encontrou-se uma correlação positiva entre autoestima e frequência de habilidades sociais ($r_s=0,2606$; $p=0,0954$) e correlação negativa entre autoestima e dificuldade em habilidades sociais ($r_s=-0,2428$; $p=0,1212$), não significativas ao nível de 95%. A baixa autoestima se expressa pelo sentimento de incompetência, inadequação e incapacidade de enfrentar os desafios e correlacionada com a frequência e dificuldades em habilidades sociais, com indicação de treino e intervenções a esta demanda.

Conclusão: Identifica-se que a hipótese inicial foi parcialmente confirmada pelos resultados encontrados. Há correlação entre autoestima e habilidades sociais (embora não significativa) nos adolescentes participantes dessa pesquisa. Uma ampliação da amostra provavelmente deverá produzir resultados mais representativos.

Referências

- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 1996.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DEL PRETTE, Z. & A. P.; DEL PRETTE, A. Psicologia educacional, forense e com adolescente em risco: prática na avaliação e promoção de habilidades sociais. **Avaliação Psicológica**, v.5, n.1, p. 99-104, 2006.
- DEL PRETTE, A. & DEL PRETTE, Z. A. P. **Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette)**: Manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- GOBITTA, M. & GUZZO, R. S. L. **Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A**. Psicologia Reflexão Crítica, vol.15, n.1, 2002.
- HUTZ, C. S.; ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 41-49, 2011.

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM CLÍNICA CIRÚRGICA: DEMANDA E POSSIBILIDADES COMO CAMPO DE ESTÁGIO

Ana Helena Italiano Vidal¹; Tânia Gracy Martins do Valle² Andreia Barbosa de Lima³

¹Aluna de Psicologia – Universidade Estadual Paulista (UNESP/BAURU) – anah.ita.vidal@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Universidade Estadual Paulista (UNESP/BAURU) - tgvalle@uol.com.br

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru (FIB), Psicóloga do Hospital de Bauru - deialimapsico@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: doença, enfrentamento, hospital geral, psicologia hospitalar.

Introdução: A psicologia hospitalar surge como um campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos do adoecer e tem como objeto de trabalho a dor/angústia, tanto do paciente, quanto de sua família e da equipe de saúde como um todo (SIMONETTI, 2004). Essa psicologia vem se estabelecendo no Brasil, principalmente a partir da década de 70, quando as Políticas Públicas de Saúde atentaram ao fator preventivo da saúde, dando abertura a Psicologia e outras profissões para atuarem no espaço da saúde, interdisciplinalizando o modelo biomédico (SILVA et al., 2012). Nesse contexto, o psicólogo hospitalar pode dar voz à subjetividade do paciente, restituindo-lhe o lugar de sujeito, que a medicina lhe afasta (MORETTO, apud SIMONETTI, 2004). Imanishi e Silva (2016) acrescentam que o trabalho do Psicólogo Hospitalar envolve a amenização do sofrimento emocional causado pelo adoecimento e processo de hospitalização no paciente e seus familiares. Um dos aspectos importantes na vivência da internação é o processo de enfrentamento do paciente diante de procedimentos invasivos, cirurgias, perdas, entre outras. Segundo Gimenes (1997), o enfrentamento conceitua-se como um conjunto de ações e comportamentos apresentado para lidar com uma situação ameaçadora ou problemática e cada indivíduo pode apresentar diferentes estratégias de enfrentamento diante do mesmo contexto. É um conceito de suma importância para ampliar o entendimento acerca da qualidade de vida dos pacientes.

Objetivos: O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de estágio em Psicologia Hospitalar no Hospital Estadual Bauru (HEB), o qual mantém convênio com a Unesp e recebe estagiários da graduação de Psicologia. As atividades destinam-se a atendimentos à pacientes internados em uma clínica cirúrgica.

Relevância do Estudo: Após a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1990 houve a necessidade de expansão da rede pública de atendimento e contratação de profissionais de várias especialidades, incluindo o Psicólogo (SANTOS et al., 2015). Desta forma, o estágio em Psicologia Hospitalar contribui para a formação do aluno, considerando as especificidades desta área e possibilidades de atuação diante da complexidade do adoecimento.

Materiais e métodos: Este trabalho teve origem nas atividades da disciplina “Estágio supervisionado em Psicologia Clínica: Psicologia Hospitalar” da Unesp sob a orientação e supervisão da Psicóloga do Hospital Estadual Bauru e da professora responsável pela disciplina, no período de abril a outubro de 2017. Os atendimentos psicológicos realizados pela estagiária foram direcionados pela supervisora local, de acordo com o período de internação e patologia, bem como por solicitações de interconsultas pela equipe multiprofissional. Foi utilizado um roteiro de Triagem Psicológica estruturado por estagiária e supervisora no HEB, sendo pautado na literatura consultada. Além das supervisões, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a Psicologia Hospitalar e especificidade de cada caso atendido na clínica cirúrgica nas bases de dados: Portal de periódicos eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), além da consulta a

textos disponibilizados pelas supervisoras. A leitura na íntegra de artigos selecionados, somada às supervisões que discutiram e elucidaram sobre a prática efetuada, possibilitou maior compreensão do tema e da experiência do estágio em si. Assim, foi elaborada uma observação acerca dos atendimentos realizados ao longo do período e organizado o relato.

Resultados e discussões: O estágio supervisionado possibilitou vivenciar um pouco da rotina de trabalho do profissional de psicologia hospitalar. No HEB a principal atribuição da estagiária foi realizar atendimento psicológico nos leitos na enfermaria. Foram atendidos indivíduos em pré e pós-operatório (cirurgia geral, vascular e ortopedia), normalmente em situação de longa internação. Os atendimentos foram guiados pelo roteiro de triagem psicológica que possibilitou o levantamento de informações sociodemográficas, história da doença, comorbidades, antecedentes psiquiátricos/neurológicos, recursos de enfrentamento, sentimentos emergentes, mecanismos de defesa, exame psíquico, rede de apoio, entre outros. Até outubro de 2017, vinte pacientes foram atendidos, alguns permaneceram em acompanhamento diante do período longo de internação, e seus casos foram discutidos com as supervisoras. Notou-se que doze (60%) desses pacientes referiram sua religiosidade como principal recurso de enfrentamento diante do adoecimento e da hospitalização. Ao avaliar a literatura referente ao tema, Faria e Seidl (2005), afirmam que a escuta de conflitos psicológicos de origem religiosa deve ser propiciada tanto quanto se faz com demais aspectos da vida, de forma a possibilitar acolhimento e, se necessário, a resignificação. Além disso, estudou-se que o enfrentamento religioso pode ter efeitos positivos e negativos, o que pode ser influenciado pelos modos de lidar com eventos estressores e pelas crenças e práticas religiosas envolvidas no processo de enfrentamento. De acordo com Pargament (1997 apud Faria e Seidl, 2005), o uso desse recurso só faz sentido se essas crenças fizerem parte do sistema de valores geral da pessoa.

Conclusão: Como referem Mosimann e Lustosa (2011), “na cena hospitalar, Medicina e Psicologia se aproximam significativamente, articulam-se, coexistem e tratam do mesmo paciente, no entanto, nunca se confundem, já que possuem objetos, métodos e propósitos marcadamente distintos”. A psicologia hospitalar não busca a cura, mas vem para reposicionar o sujeito em relação à sua doença possibilitando mais qualidade de vida durante a internação e também após a alta. O entendimento do enfrentamento religioso é uma necessidade que vem no sentido de favorecer e ampliar a prática do Psicólogo Hospitalar.

Referências

- FARIA, J. B.; SEIDL, E. F. Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.18, n.3, p.381-389, Dec. 2005
- GIMENES, M. G. G. (1997). *A teoria do enfrentamento e suas implicações para sucessos e insucessos em Psiconcologia*. Em Gimenes, M. G. G. (Org), *A mulher e o câncer*. Campinas, SP: Editorial Psy.
- IMANISHI, H. A; SILVA, L. L. Despersonalização nos hospitais: o estágio do espelho como operador teórico. *Rev. SBPH*, vol.19, n.1, Rio de Janeiro – Jan./Jul, 2016.
- MOSIMANN, L. T. N. Q.; LUSTOSA, M. A. A Psicologia hospitalar e o hospital. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 200-232, jun. 2011
- SANTOS, L. C.; MIRANDA, E. M. F.; NOGUEIRA, E.L. *Psicologia, saúde e hospital: contribuições para a prática profissional*. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.
- SILVA, A. N. et al. *Psicologia Hospitalar: reflexões a partir de uma experiência de estágio supervisionado junto ao setor Obstétrico-Pediátrico de um Hospital Público do interior de Rondônia*. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 41-58, jun. 2012
- SIMONETTI, A. *Manual de psicologia hospitalar – o mapa da doença*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

AS PARTES DA ALMA NA ÉTICA NICOMAQUEIA DE ARISTÓTELES

Jean Beatriz Serrano¹; Maria Eduarda N. G. Garcia²; Dilson Brito da Rocha³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – jean.beatriz@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – goulartduda1@gmail.com;

³Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – dilsondarocha@hotmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Partes da alma, psique, ética, virtudes, eudaimonia.

Introdução: Na *Ética a Nicômaco* (EN) Aristóteles executa uma repartição da alma em racional e irracional. (EN 1102a 26-28). Entretanto, ressalva que há uma divisão através da razão, já que são indivisíveis no que tange a natureza. “Como os lados convexo e côncavo na circunferência de um círculo.” (EN 1102a 32). Em todo caso, na parte irracional há a subparte vegetativa = nutritiva (ex.: os embriões e as plantas) e a apetitiva ou desiderativa. (FERNANDES, 2013, p. 40). Esta participa de certa medida da razão. (EN 1102b 14). O faz “acatando-a, como por exemplo, prestar atenção à razão do pai e dos amigos, mas não como ter razão na matemática” (EN 1102b 30-33), ao passo que aquela em nada participa da razão. (FERNANDES, 2013, p. 41). A subparte apetitiva ou desiderativa (*to orekticon*) se divide em três partes (i) o *thymós* ou impulso: faz reagir contra algo, por ex.: a injustiça; ligado ao sentimento de orgulho ou autoestima, e a coragem é sua manifestação evidente. (ii) a *epithymia* ou apetitiva: nos liga ao desejo do que é agradável, por ex.: boa comida, bebida ou relações sexuais. (iii) *boulesis* ou querer: se dá tão somente nos seres dotados de razão. Nesta última há expectativas racionais. Em suma, o *thymós*, a *epithymia* e a *boulesis* são as três espécies do gênero da *horexis*, o desejo. (FERNANDES, 2013, p. 43).

Objetivos: Aprofundar, à luz do pensamento do Estagirita, o componente anímico (psíquico), como aparece no interior de sua obra, rastreando o modo como ele enfrenta a alma, especificamente a divisão que engendra, dando conta da peculiaridade de cada uma de suas partes.

Relevância do Estudo: É pertinente compreender a profundidade da alma num pensador de tamanha envergadura como Aristóteles, sem o que não teríamos bases filosóficas para a investigação vindoura da psique no transcorrer da história.

Materiais e métodos: Como eixo e suporte, utilizamos o referencial teórico, localizado em estudiosos da temática tangente. O fizemos delineando e seguindo o itinerário que o próprio filósofo em questão percorreu, perpassando sua obra EN. Tivemos como âncora a metodologia aristotélica que, ao procurar conhecer o ser humano em sua eticidade, não deixou de adentrar sua alma, o que é imprescindível, como o filósofo mesmo assinala.

Resultados e discussões: A subparte desiderativa participa tanto da parte da alma irracional como da racional. (AQUINO, 2010, p. 78). Na primeira participa por natureza, e da segunda tão somente participando. Aristóteles distingue também uma subparte desiderativa ou calculativa que pertence à parte irracional por natureza e à parte racional por participação. Assegura que a felicidade (*eudaimonia*) pertence ao princípio racional. Igualmente, deve ser como ato e não como potência, estando de acordo com a melhor das virtudes, a prudência. (ROSS, 1987, p. 197). Uma subparte da alma racional, chamada científica ou especulativa, trata do conhecimento das coisas invariáveis e necessárias. No capítulo I do livro VI da EN, o Estagirita promove a divisão quadripartida. A subparte nutritiva, irracional e a subparte científica ou especulativa, racional, permanecem. (FERNANDES, 2013, p. 46). Ocorre que a razão, que versa sobre nossas ações, é a parte

da alma racional calculativa. A subparte racional calculativa e a subparte racional especulativa ou científica, também chamadas de intelecto intelectivo e intelecto especulativo respectivamente, são duas funções do intelecto que se diferenciam conforme seus fins. O intelecto calculativo tem como fim guiar as ações, e o intelecto especulativo ou científico tem como fim o conhecimento. (FERNANDES, 2013, p. 47). A divisão aristotélica vê no intelecto especulativo e no intelecto prático funções de uma única e mesma faculdade, funções que se distinguem inicialmente por seus fins; lá o saber e aqui a ação. O intelecto prático deve dirigir a ação. A subparte da alma racional científica ou especulativa é a responsável por nosso conhecimento de assuntos como metafísica ou matemática. A subparte da alma irracional apetitiva = desiderativa, juntamente com a subparte da alma racional calculativa, são responsáveis por nossas ações e pela fabricação de coisas belas e úteis, agindo numa missão *pari passu*. (FERNANDES, 2013, p. 47). No que tange ao virtuoso, ele é o prudente, que possui a subparte apetitiva ou desiderativa bem adestrada para a virtude moral, e a excelência da subparte calculativa para a virtude intelectual. Disso decorre que, “ao agente, para tornar-se virtuoso, não é mais exigido que seja um sábio, mas que seja prudente.” (FERNANDES, 2013, p. 47). É a subparte racional calculativa da alma a responsável pela deliberação. O intelecto calculativo vai buscar no intelecto especulativo o contexto universal, no qual pretende incluir o contexto particular acerca do qual pretende deliberar. O Estagirita vai preferir o irracional. (EN 1102b 1923). No livro VI da EN temos que: “Nós dissemos antes que há duas partes da alma – aquela que compreende uma regra ou princípio racional, e a irracional; deixe-nos agora desenhar uma distinção similar dentro da parte que compreende um princípio racional. E deixe-nos assumir que há duas partes que compreendem um princípio racional – uma pela qual nós completamos o tipo de coisas cujas causas de origem são invariáveis, e uma pela qual nós completamos as coisas variáveis; pois onde objetos diferem em tipo, a parte da alma que responde para cada um dos dois é diferente em tipo, desde que é em virtude de certa semelhança e afinidade com seus objetos que eles têm o conhecimento destes. Deixemos, pois uma destas partes ser chamada de científica e a outra calculativa; pois deliberar e calcular são a mesma coisa, mas ninguém delibera sobre o invariável. Assim, a calculativa é uma parte da faculdade que compreende um princípio racional.” (EN 1139a 3-6).

Conclusão: Em face do exposto inferimos que: Conforme Aristóteles, existem três tipos essenciais de conhecimento: o teórico, o prático e o produtivo consoante: for procurado por si mesmo, como uma regra de conduta ou como uma regra para fabricar algo de útil ou belo. (ROSS, 1987, p. 193). De resto, cada uma das partes da alma possui uma virtude. Ele distingue entre a virtude da alma não racional = irracional, dita virtude moral ou virtude ética, e a virtude da alma racional, chamada de virtude intelectual ou virtude *dianoética*, anuindo que essas virtudes não se aplicam à subparte da alma nutritiva.

Referências

- AQUINO, T. *Comentário a la Ética a Nicómaco de Aristóteles*. Trad. Ana mallea. 3 ed. Pamplona: EUNSA, 2010.
- ARISTOTELE. *Ética Nicomachea*. (Traduzione, introduzione e note di Natali, C.). Classici della filosofia con testo a fronte. 10ª ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 1999.
- FERNANDES, E. C. *A importância da deliberação e da escolha na Ética a Nicómaco de Aristóteles*. Marília, 2013. 106 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós Graduação em Filosofia – PPGF, UNESP, 2013.
- ROSS, D. *Aristóteles*. Trad. Luís Filipe Bragança S. S. Teixeira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- ZINGANO, M. *Ethica Nicomachea I 13 – III 8. Tratado da virtude moral*. São Paulo: Odisseus, 2008.

APROXIMAÇÕES FILOSÓFICAS ENTRE NIETZSCHE E JUNG: O ALÉM DO HOMEM E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Maria Luisa Ramalho Ferreira da Silva¹; Geisa Egypto Barbosa²; João Paulo Martins³;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB marialuisa.ramalhof@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB gegypto@hotmail.com;

³Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia, filosofia, processo de individuação, super-homem

Introdução: Lyra (2007) afirma que Jung disse ter vindo de sua formação em psiquiatria bem preparado por Nietzsche, para a psicologia moderna. Portanto, como declara o próprio Jung (2003, p. 2009) “a influência filosófica que prevaleceu na minha educação foi a de Platão, Kant, Schopenhauer, Hartman e Nietzsche. Estes nomes caracterizam ao menos meus estudos principais em filosofia”.

Segundo Santos (1976, p. 65) o processo de individuação “é o processo pelo qual o indivíduo chega ao autoconhecimento, aquele pelo qual é levado a estabelecer contato com o seu inconsciente”. Sendo que o propósito é chegar ao centro da personalidade, por meio da harmonização do consciente com o *self*.

Para tal, é necessário, a princípio, despir-se da persona. Jung (2008) descreve a persona como uma espécie de uma máscara, a qual produz um efeito nas relações interpessoais, além de ocultar aspectos inconsciente do indivíduo, ou seja, é o arquétipo relacionado a adaptação do ser ao meio externo. A próxima etapa é o encontro com a sombra, que segundo Silveira (1981), refere-se a parte da personalidade, que foi reprimida pelo ego ideal, que projetamos sobre o outro. Constituindo, por fim, a chegada ao *self*, sendo o núcleo mais profundo da psique, após o equilíbrio e a integração dos opostos. Ressaltamos que o processo de individuação abrange outros aspectos da psique, sendo que para esta pesquisa nos limitamos a tais.

Objetivos: O presente trabalho tem por objetivo identificar a presença da obra de Nietzsche na Psicologia Analítica Junguiana, em específico a relação entre o tornar-se além do homem e o processo de individuação que constitui o principal propósito da psicoterapia junguiana.

Relevância do Estudo: Compreendemos que o presente estudo auxiliou e ampliou nossa concepção de homem e mundo, bem como contribuiu para uma reflexão crítica acerca da prática do profissional psicólogo na clínica de abordagem junguiana.

Materiais e métodos: Foram consultadas obras Cartas de Carl Gustav Jung (2003) e O eu e o inconsciente (2008) de Jung e Assim falou Zaratustra (2002) de Nietzsche, das quais investigamos a perspectiva de cada um dos autores que compõem o este estudos. Bem como consultamos autores comentadores da obra de Jung, além de artigos dos periódicos PUCPR e Metodista, que realizavam uma possível relação entre a psicologia analítica junguiana e a filosofia de Nietzsche.

Resultados e discussões: Taconeli (2015) explana acerca da compreensão de Nietzsche sobre o indivíduo, que consiste, segundo o filósofo, em um jogo de forças opostas, em que há um processo de dominação de uma sobre a outra. Tal concepção está presente na obra *O nascimento da tragédia*, na qual Nietzsche afirma que é a partir da união de Dionísio e Apolo que seria possível atingir o sentimento de unicidade, o qual se constituía em uma crítica ao pensamento de sua época, no qual os pensadores propunham o domínio da

natureza pela razão. A esta concepção nietzschiana associamos a ideia de energia psíquica, que segundo Silveira (1981) consiste no valor psicológico da psique e refere-se a uma relação de movimento, um constante dinamismo, na qual ocorrem tensões diferentes de polos opostos. A partir deste raciocínio, cabe atentarmos-nos a função transcendente, compreendida, resumidamente, como uma dialética que ocorre entre consciente e inconsciente em que o resultado será a integração dos conteúdos destas instâncias, o que fará com que o *Self* passe a ser o centro da psique, constituindo assim a totalidade da personalidade. Encontramos semelhanças desta compreensão junguiana na obra *Assim falava Zaratustra* de Nietzsche. Na obra o filósofo aponta para o conceito de “além-do-homem” ou “*Übermensch*” como o caminho natural ao homem que irá desejar retornar à sua natureza, ou seja, irá tornar-se o que se é, ultrapassando as aparências, sendo este um processo em aberto. Este caminho para tornar-se o super-homem é que associamos ao processo de individuação e a função transcendente, uma vez que Nietzsche afirma que há três transformações do espírito, que se muda em camelo, de camelo em leão e de leão, finalmente, em criança. O filósofo descreve o camelo como o “espírito de carga” e o compreendemos como persona, o leão representa o “eu quero” o qual associamos a sombra e por fim, Nietzsche (2002, p. 37) descreve “a criança é a inocência, e o esquecimento, um novo recomeçar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação”, a partir disto a compreendemos como o *Self*. Neste momento, descreve Nietzsche, é que o espírito quer a sua vontade e almeja alcançar o seu mundo, por isso, entendemos como o processo de individuação, que segundo aponta Silveira (1981), Jung compreende como a expressão mais completa das diversas combinações de opostos que ocorrem na psique.

Conclusão: A relação entre alguns aspectos das obras dos autores Nietzsche e Jung estudados para a presente pesquisa promoveu uma reflexão e compreensão acerca das bases filosóficas da psicologia analítica junguiana. Portanto, e conseqüentemente, o presente estudo contribuiu em nossa compreensão sobre o processo de individuação, sua aplicabilidade prática e seu objetivo enquanto disposto em uma psicoterapia junguiana. Compreensão esta, que se fez importante em nossa formação acadêmica.

Referências

- JUNG, C. G. **Cartas de C.G. Jung**: volume III, 1956-1961; editado por Aniela Jaffé em colaboração com Gerhard Adler. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.
- _____. **O eu e o inconsciente**. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LYRA, S. R. **Jung leitor de Nietzsche: acerca da “morde de Deus”**, Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 128f. Curitiba, 2007.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SANTOS, C.C. **Individuação Junguiana**. São Paulo, SARVIER, 1976.
- SILVEIRA, N. **Jung, via e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- TACONELI, A. de. S.; DOURADO, W. A. M. Apolo e Dionísio: opostos complementares e o processo de individuação a partir de Jung e Nietzsche. **Rev. Pág. De Filos.**, v. 7, n. 2, p. 43-75, 2015.

ANÁLISE DA PERSONAGEM NINA DO FILME CISNE NEGRO À LUZ DA TEROIA DE MELANIE KLEIN

Letícia Sabino¹; Julia Beatriz Messias²; Thomas Duarte de Agostini³; Cristiane Araujo Dameto⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB leticia_sab@hotmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB messias_julia@hotmail.com

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB thomas_duarte@hotmail.com

⁴Professora do curso de Psicologia – FIB crisdameto@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicanálise, posição esquizoparanóide, Melanie Klein, análise de filme.

Introdução: O filme Cisne Negro retrata a história de Nina Sayers uma bailarina, solteira, que vive com a mãe e que busca a perfeição em seu trabalho na companhia de balé. Por causa de sua dedicação e técnica Nina conquista o papel de bailarina principal no renomado espetáculo de balé “Cisne Negro”. O papel exige que que ela represente muito bem tanto o cisne branco, que possui a doçura e ingenuidade como o cisne negro, sensual e sedutor, o qual Nina encontra dificuldades. Nina tem uma concorrente, a bailarina Lilly (Milla Kunis) que é a expressão da sensualidade, ideal para o papel do Cisne Negro, porém, carece de técnica. Assim Nina se vê às voltas com uma rival, um diretor exigente e uma mãe dominadora. A busca pela perfeição no Cisne Negro faz com que Nina treine dia e noite, desencadeando alucinações e delírios de perseguição.

Segundo Oliveira (2007 apud JORGE, 2007), Melanie Klein fundou uma escola de psicanálise e influenciou fortemente sobre como vemos as relações humanas, ela compreendeu e expôs a agressividade sendo inata na criança, sendo este o ponto central de sua teoria. De acordo com Couto (2017 apud KLEIN, 1952/1991) há um mundo interno do bebê constituído por suas fantasias, ansiedades, figuras boas e más. Ele também esta exposto desde se nascimento à luta entre as pulsões de vida e de morte, retratadas, respectivamente, por impulsos libidinais e agressivos. Assim, as experiências gratificadoras são reforçadoras da pulsão de vida e as experiências que geram frustrações intensificam a pulsão de morte. Sua terapia possui três pilares fundamentais, sendo o primeiro a percepção do bebê sobre o mundo externo que geram seu mundo interno, colorido com suas experiências no mundo externo (fantasias); o segundo é a posição esquizoparanóide onde o bebê já nasce imerso, pois eles nascem com sentimentos básicos como amor e ódio, considerando que ora tudo é bom e ora tudo é mau, sendo que o mau irá se vingar; e o terceiro é a posição depressiva, quando a criança percebe que o “seio bom” e o “seio mau” são a mesma pessoa e fica com medo de perder o bom (Esclapes, 2017).

Objetivos: identificar na personagem Nina, estruturas patológicas relacionados ao desenvolvimento da personalidade proposto por Melanie Klein

Relevância do Estudo: contribuir para a formação clínica do aluno de Psicologia, possibilitando, através da análise de personagens, o reconhecimento dos conteúdos teóricos aprendidos sobre o desenvolvimento da personalidade.

Materiais e métodos: Participaram desse estudo três estudantes universitários matriculados no segundo ano do curso de Psicologia de uma universidade particular do interior no estado de São Paulo, os quais cursavam a disciplina Psicologia da Personalidade II. Para a realização desse estudo os universitários assistiram o filme e selecionaram as cenas da personagem onde relacionaram com a teoria de Melanie Klein

Resultados e discussões: Percebemos em várias cenas do filme que a personagem Nina apresenta em sua personalidade, características da posição esquizoparanóide, onde existe a cisão entre o objeto “bom” e o objeto “mal”; a angústia paranoide e sentimentos aparentemente irreconciliáveis de amor e ódio. Essa confusão de sentimentos de Nina devido a dificuldade em avaliar o que é “bom” e o que é “mal”, se manifesta na relação com a mãe superprotetora e invejosa, por ver a filha realizar um sonho que não conseguiu, na fantasia de estar sendo perseguida por sua rival, ao mesmo tempo que tem desejos sexuais por ela, na sua obsessão pela busca da perfeição do cisne negro. Nina é uma garota de 30 anos que é tratada pela mãe como se tivesse 12., tem dificuldade de expor seus sentimentos é tímida e sempre segue regras. Os sintomas psicóticos decorrentes da personalidade esquizoparanóide, são observados na cena onde Nina imagina ver seus quadros se moverem no quarto da mãe e sai correndo assustada, na cena onde fantasia ter visto sua rival se relacionando com seu diretor, quando vê sua imagem em outra pessoa no metrô e também na cena onde imagina ter agredido sua rival, mas agrediu a si mesma. A busca pela perfeição do papel do cisne negro em conflito com a dificuldade de frustrar sua mãe, deixando de ser a filha controlada e infantilizada por ela para se tornar mulher e uma bailarina de sucesso, fez com que Nina não suportasse às exigências do mundo real e sucumbisse à fantasia.

Conclusão

Podemos concluir que a superproteção da mãe de Nina, sua inveja e ambivalência influenciaram no desenvolvimento de um ego frágil com dificuldades para diferenciar os objetos “bons” e “maus”, a “realidade” da “fantasia”, mantendo em sua personalidade defesas esquizoparanóides. O tudo ou nada, preto ou branco que caracterizam os sintomas esquizoides e a busca pela perfeição dos personagens, fizeram com que Nina acreditasse que teria que matar sua rival e o cisne branco para poder desempenhar com perfeição o cisne negro.

Referências

SEGALL, Hanna. Introdução a obra de Melanie Klein. Imago. Rio de Janeiro, 1975.

ESCOLA PAULISTA DE PSICANÁLISE. Melanie klein - vida e obra. Disponível em: <<http://www.apsicanalise.com/index.php/blog-psicanalise/48-artigos/340-melanie-klein>>. Acesso em: 18 out. 2017.

OLIVEIRA, Marcella Pereira De. Melanie klein e as fantasias inconscientes. E-prints, v. 2, n. 2, p. 80-98, 2017.

COUTO, Daniela Paula Do. Freud, klein, Lacan e a constituição do sujeito. Psicologia em pesquisa - ufjf, v. 11, n. 1, p. 1-10, 01./jun. 2017.

Klein, M. (1991a). As origens da transferência. In M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963) (L. P. Chaves, Trad., pp. 71-80). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1952).

A PRIMEIRA ESCOLA DE PENSAMENTO PSICOLÓGICO: O ESTRUTURALISMO

Ana Laura de Oliveira Santos¹; Audrey de Moura Silva Galeli²; Aline Delgalo Caetano³; Eduarda Cristina Pereira⁴; Marta Alice Nelli Bahia⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru - FIB – analaura.oliveira.x@hotmail.com;

² Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - audreygaleli@gmail.com;

³ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – alinectn@outlook.com;

⁴ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - eduarda_2.0@hotmail.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: estruturalismo; Wilhelm Wundt; psicologia como ciência; psicologia moderna; Edward Titchener.

Introdução: A psicologia se resumiu, desde os pré-socráticos, em investigações sobre o subjetivo do ser humano por meio da filosofia metafísica. Com a revolução científica e o avanço da medicina que ocorreu no século XIX houve uma movimentação em busca da Psicologia como ciência e unidade (ABIB, 2009) surgindo, então, muitas teorias e escolas de pensamento psicológico, entre elas, o Estruturalismo. A psicologia foi tratada como ciência no final do século XIX por Wilhelm Wundt na Alemanha, e William James nos Estados Unidos. Com o desenvolvimento da medicina, física e química, a criação de laboratórios, a filosofia apontando as suas reflexões para as questões do conhecimento, criou-se um momento propício para a busca do conhecimento sobre o homem e seu funcionamento físico e mental. Surge assim uma oportunidade de sistematização de pensamentos psicológicos, levando a Psicologia para dentro de laboratórios: o conceito atomístico, a física estava discutindo o átomo, a química estava discutindo a molécula e a biologia estava discutindo a célula (CARPIGIANI, 2010). Todos esses conceitos traziam algo em comum: Estruturas.

Objetivos: Neste trabalho iremos estudar as contribuições de Wundt para a eclosão do Estruturalismo e as consequências de seus estudos para a psicologia moderna, possibilitando a análise dos aspectos históricos e filosóficos na constituição da Psicologia como ciência e reconhecendo a sua pluralidade a partir de suas bases, através de uma reflexão sobre as condições que ajudaram o crescimento dessa importante escola de pensamento.

Relevância do Estudo: O estudo se faz necessário, pois é de suma importância analisar todas as bases que constituem a psicologia como a estudamos hoje e todos os acessórios que a tornou ciência, levando em consideração a primeira escola de pensamento que influenciou tão diretamente seu desenvolvimento, rejeitando o pensamento não científico e levando-a para laboratórios.

Materiais e métodos: Foi realizada uma revisão bibliográfica, utilizando-se de cinco livros, um artigo da base de dados Scielo e o Google Acadêmico, para reunir informações sobre o tema.

Resultados e discussões: Podemos observar que desde as primeiras reflexões filosóficas a respeito do ser humano, o homem busca compreender a si e o ambiente ao seu redor. Com o Renascimento ocorre uma explosão da ciência e os pensamentos filosóficos se

voltam para a questão de como se dá o conhecimento no indivíduo, trazendo de volta as questões corpo-alma, dando espaço para o Empirismo, que foi grande influenciador do método experimental utilizado mais tarde por Wilhelm Wundt para marcar a psicologia como ciência. Wundt era professor de Fisiologia e acreditava que o equilíbrio do organismo era um processo psicofísico e para estudar essa relação era necessário decompor a mente/consciência e seus componentes (HILGARD et al, 2002). Apesar de Wilhelm Wundt ser o fundador do primeiro laboratório de psicologia e ser muito relacionado com o Estruturalismo, foi o seu aluno, Edward Titchener, que utilizou esse termo para descrever essa escola de pensamento (GOODWIN, 2010). Para Titchener, a principal função da Psicologia era determinar as estruturas da consciência por meio da análise de seus elementos. O método empregado por Titchener no estudo da experiência consciente foi a Introspecção Experimental, método usado para o indivíduo descrever suas sensações elementares por meio de relatos detalhados e qualitativos (SCHULTZ, 1992). Ele propôs que as sensações fossem nomeadas e suas intensidades fossem identificadas, decompondo os elementos registrados pelos órgãos da mesma forma que a química fazia com seus elementos. Para ele, a Psicologia deveria descobrir a natureza das experiências e determinar suas estruturas, analisando as partes que a formam. Essa experiência consciente depende do indivíduo que a vivencia. (SCHULTZ, 1992). Titchener definia a consciência como a soma das experiências existentes em certo momento.

Conclusão: Apesar das críticas e de sua extinção, o estruturalismo foi uma das escolas mais importantes para a formação da psicologia como conhecemos atualmente, sendo a primeira grande escola de pensamento dessa área que a possibilitou como ciência, influenciando diretamente seu desenvolvimento. O estruturalismo permitiu à psicologia um objeto de estudo definido de forma clara e objetiva, métodos de pesquisa baseados na observação sistemática, a introspecção como estudo do mundo interno, conseguindo espaço para os pensamentos psicológicos nos laboratórios de faculdades que ensinavam a disciplina. Mesmo o trabalho de Wundt ter sido alvo de contestações, ele proporcionou um início magnífico e convincente para a Psicologia Moderna Experimental.

Referências

ABIB, D. J. A. **Epistemologia Pluralizada e História da Psicologia**. 14 f. Ensaio Monográfico.- Departamento De Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, 2008-2009.

CARPIGIANI, B. **Psicologia Das raízes aos movimentos contemporâneos**. 3. ed. São Paulo. Cengage Learning. 2010. Páginas 1-70.

GOODWIN, C. J. **História da Psicologia Moderna**. 4ª ED. São Paulo: Cultrix, 2010

HILGARD; ATKINSON, R. I.; ATKINSON, R. C.; SMITH, E. E.; BEM D. J.; NOLEN-HOEKSEMA, S. **Introdução à Psicologia**. 13ª Ed. São Paulo: ARTMED, 2002.

SCHULTZ, D. P. & SCHULTZ, S.E. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1994.

LEONARDI, J. L. **Breves considerações sobre a concepção do objeto de estudo da Psicologia para Wundt e para Brentano**. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte) vol.17 no.1 Belo Horizonte abr. 2011

A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO ESCOLAR OUVIR OS ALUNOS SOBRE O AMBIENTE PEDAGÓGICO

Rosana Fernandes¹; Izabela M. Ellaro²; Profa. Vera L. L. Okubo³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – rosana_fs@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - izaabelamiranda@hotmail.com.

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – veraokubo@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Educação Infantil; psicologia escolar; psicologia ambiental.

Introdução: Quando entramos em um ambiente escolar uma das primeiras coisas que observamos é o espaço, se ele é grande ou pequeno, se é colorido, organizado e agradável, essas informações nos fornecem pistas valiosas a respeito do projeto educacional e qual a percepção de infância que está sendo aplicada a política pedagógica. De acordo com Lordelo e Carvalho (2003), apenas a descrição do espaço já é suficiente para identificar diferenças essenciais na concepção da escola. O espaço não é apenas um local onde as crianças permanecem, ele é uma forma silenciosa que transmite mensagens sobre o ensinar e o aprender. Moreira e Sousa (2016) apresentam a ideia de que o ambiente está impregnado de signos, símbolos e marcas, de quem o produz, organiza e nele convive, e por isso tem significado afetivo e cultural. O uso do espaço físico deve estar associado às propostas pedagógicas como um dos elementos que possibilite a implantação e aperfeiçoamento do ensino, os recursos materiais para a educação infantil deverão ser coerentes com a proposta pedagógica e com as normas prescritas pela legislação vigente. Embora o ambiente transmita várias mensagens sobre o contexto educacional, muitos educadores (professores, coordenadores e direção), no planejamento pedagógico, concentram suas discussões nos aspectos quantitativos dos ambientes, menosprezando o processo de construção destes, especialmente no que diz respeito à participação das crianças no seu planejamento e organização.

Objetivos: O propósito deste trabalho é levantar reflexões a respeito do Ambiente Pedagógico na Educação Infantil a partir de uma abordagem histórico-cultural em Psicologia Escolar e Ambiental propondo a participação das crianças na tomada de decisão.

Relevância do Estudo: O presente estudo se torna relevante para reflexão de estudantes de psicologia escolar sobre a necessidade de ouvir as crianças sobre o ambiente de ensino, considerando que hoje os alunos permanecem a maior parte da sua vida dentro de uma instituição educacional.

Materiais e métodos: A revisão bibliográfica foi realizada através de literaturas científicas concentrando-se nos trabalhos publicados sobre a psicologia escolar, pedagogia, e psicologia ambiental. O estudo da literatura foi realizado através das bases de dados científicas da Scientific Electronic Library Online (SciELO). A estratégia de busca foi o cruzamento das informações dos artigos.

Resultados e discussões: Não se pode negar que é precoce a ocupação das crianças nos espaços escolares, onde elas permanecem em tempo parcial ou integral passando grande parte de sua infância dentro deste ambiente, por esta razão, projetar uma escola, e organizar seu ambiente, exige que os adultos pensem nos espaços considerando a realidade das crianças, suas necessidades e seus desejos, para isso, é necessário escutar o que elas dizem sobre este ambiente. Moreira e Souza (2016) mencionam que na relação pedagógica, a escuta é considerada uma metáfora para a abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido, isso envolve mais do que ouvir a criança com os ouvidos, é preciso usar todos os sentidos para conhecer as suas necessidades e interesses, pois sua linguagem é múltipla, sobre si e o mundo, e suas perspectivas podem contribuir significativamente para ampliar o conhecimento dos adultos, portanto, a escuta possibilita ao educador levantar

dúvidas e formular questões que propiciem a construção de novos e ou outros arranjos espaciais. Essa escuta pode ser realizada por meio da observação e diálogo com as crianças, em situações cotidianas, devidamente registradas pelos adultos. Não é comum encontrarmos escolas que se proponha a esta escuta. De acordo com Azambuja e Fernandes (2008), a interação das crianças no contexto escolar tem despertado o interesse de muitos pesquisadores na área da Psicologia Ambiental, principalmente no que diz respeito aos locais de brincar, pois eles oportunizam aspectos do desenvolvimento infantil. Guimarães; Kuhn e Santos (2011), citam que o interesse se dá devido às mudanças ocorridas tanto no âmbito físico como na filosofia de ensino, buscando entender até que ponto esses fatores interferem nas áreas psicológicas, afetivas, físicas, sociais e intelectuais dos alunos, tendo como objetivo projetar escolas que promovam além das aquisições cognitivas. Apesar do Ministério da Educação fornecer suporte técnico-científico aos educadores sobre a questão espacial, ainda encontramos escolas planejadas sem reflexão e intenções pedagógicas. Muitas vezes, o planejamento dos ambientes só ocorre no início do ano, como se estes não se modificassem nas interações cotidianas, e fossem iguais para todos e tivessem o mesmo significado para crianças e adultos. Muitos ambientes são organizados de modo padronizado e sem identidade, oferecendo pouca ou nenhuma participação significativa que possa ampliar o conhecimento dos alunos.

Conclusão: O presente trabalho nos faz refletir sobre a importância de um ambiente escolar planejado cuidadosamente para as crianças e que lhe proporcione melhor qualidade de vida, pois é neste espaço que a maioria das crianças permanece maior parte de sua vida. Segundo Martins; Costa e Cunha (2004), se a formação não ocorrer em um ambiente favorável, é provável que a criança apresente vulnerabilidade no seu desenvolvimento. No entanto as cores, as brincadeiras, os espaços em si, e todo projeto escolar, podem interferir significativamente na vida dos alunos, por isso, as crianças são as principais fontes de informações sobre melhorias que possam interferir neste ambiente, porém, à maioria das escolas ainda não tem a percepção em ouvi-las para entender sua real necessidade, levando em consideração apenas projetos e propostas desenvolvidas por adultos, esquecendo que o principal foco da instituição é a criança. Uma boa instituição levará em consideração não apenas propostas oferecidas por pedagogos, diretores e professores, mas, também psicólogos e todas as pessoas que fazem parte do ambiente escolar.

Referência

AZAMBUJA, G.; FERNANDES, O. S. **Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças.** UFRBN, Natal-RN. 2008. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000100005&lang=pt. Em 08-10-2017.

GUIMARÃES, A. M.; KUHNEN, A.; SANTOS, L. **A Linguagem do Espaço Físico na Educação Infantil.** UFSC - Brasil - Santa Cruz do Sul, 2011. <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-619497>. Em 08-10-2017.

LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A. **Educação Infantil e Psicologia: para que Brincar?** 2003. Bahia. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200004&lang=pt. Em 08-10-2017.

MARTINS, M. F. D.; COSTA, J. S. D.; CUNHA, M. D. C. **Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas.** Rio Grande do Sul. 2004. http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000300007&lang=pt. Em 08-10-2017.

MOREIRA, A. R. P.; SOUSA, T. N. **Ambiente Pedagógico na Educação Infantil Contribuição da Psicologia.** SP, 2016. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200229&lang=pt. Em 19-05-2017.

A CONTRIBUIÇÃO DOS TESTES NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA – UMA REVISÃO HISTÓRICA

Raquel de Oliveira Miranda¹; Edilene Tavares da Silva²; Maria Cristina Tavares Trize³; Mirian Ribeiro Alves⁴; Daniela Garcia Bandeca Schwingel⁵.

¹ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB chel_miranda@hotmail.com;

² Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – edileneTavares78@hotmail.com;

³ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB cristina_trize@ig.com.br;

⁴ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mribeiro1008@gmail.com;

⁵ Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
danibandeca@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: psicologia, avaliação, testes psicológicos

Introdução: A área da avaliação psicológica é bastante extensa, abrangendo todos os campos da Psicologia. Tal avaliação se constitui num processo, o qual utiliza de técnicas como observação, entrevista e também a testes psicológicos para a composição de um diagnóstico claro e preciso. Os testes como instrumento de investigação, até algum tempo atrás, não eram bem vistos entre os adeptos da Psicologia. Contudo este cenário vem ganhando novas formas e perspectivas, como afirmam CHIODI & WECHSLER, a partir da década de 90, na busca de melhoria na qualidade dos instrumentos, a partir da Resolução CFP 002/2003, que divulga os requisitos mínimos e obrigatórios que os instrumentos psicológicos precisam ter para o uso profissional adequado.

Objetivos: O presente estudo teve por objetivo realizar um levantamento acerca da importância da utilização dos testes psicológicos no processo de Avaliação Psicológica.

Relevância do Estudo: A importância deste estudo está no esclarecimento que ele traz sobre a utilização dos testes enquanto coadjuvantes do processo de avaliação psicológica, fazendo minimizar possíveis ideias errôneas e até mesmo fantasiosas no que diz respeito a utilização de teste no processo de Avaliação Psicológica.

Materiais e métodos: Este trabalho se deu sob a forma de revisão sistemática de literatura, para a qual foram selecionadas vinte referências das bases de dados *Scielo* e *Pubmed*, no período de 2002 a 2016, utilizando os descritores “testes”, “psicologia” e “avaliação psicológica”.

Resultados e discussões: A avaliação psicológica vem passando por mudanças significativas ao longo das últimas décadas. Um dos advenços mais importantes para esta área da Psicologia foi a instituição do SATEPSI – sistema de avaliação dos testes psicológicos, órgão vinculado ao Conselho Federal de Psicologia e responsável por conceder parecer favorável ou desfavorável aos testes psicológicos. O SATEPSI proporciona revisão periódica dos dados empíricos das propriedades de um teste psicológico, procurando garantir a validade e precisão dos instrumentos em questão. Os testes psicológicos são instrumentos de medida que permitem comprovar cientificamente algumas características do ser humano. Existem hoje no âmbito da avaliação psicológica muitos instrumentos aprovados com parecer favorável e outros em avaliação; sem contar os que se encontram desfavoráveis por não comprovarem os requisitos mínimos para a sua utilização. Dos instrumentos aprovados e segundo seus objetivos, temos testes que fazem avaliação cognitiva; da personalidade; de atenção; de memória; de interesses profissionais; de habilidades sociais; avaliação do stress; contexto familiar; avaliação da agressividade;

avaliação da depressão, avaliação ocupacional, expressão da raiva, TDAH, ansiedade e ideação suicida, entre outras. Para a utilização de testes na avaliação psicológica, faz-se necessário que profissional Psicólogo esteja apto a analisar criticamente o instrumento, seu manual e materiais, a fim de julgar sua aplicabilidade na prática clínica. A Resolução no. 25/2001 do Conselho Federal de psicologia regulamenta a elaboração, a comercialização e o uso dos testes psicológicos e delimita algumas regras para a escolha e utilização dos Testes Psicológicos. Dentre os critérios mínimos para que sejam considerados apropriados para o uso no Brasil, considera-se fornecer fundamentação teórica adequada e ampla, com definição clara do construto, objetivo e contexto de uso; descrever métodos de busca de evidências de validade e precisão, resultados e interpretações sugeridas; descrever dados psicométricos detalhados dos itens; fornecer informações claras sobre a correção e interpretação dos escores do teste; escrever claramente as etapas de aplicação e correção, além das demais condições, como especificidades do ambiente e materiais a serem utilizados ao longo da aplicação. Tal resolução foi baseada em documentos internacionais e fomenta a produção de manuais o mais completo possíveis, que segundo Noronha, Freitas, Sartori e Ottati (2002) objetivam organizar critérios que auxiliem os profissionais no uso e análise dos instrumentos de avaliação psicológica. Desta forma, ao examinador qualificado é imprescindível não só conhecer, mas dominar a técnica. Nas técnicas psicométricas e/ou projetivas, deve assegurar a padronização da aplicação, estando fiel ao controle do tempo, uso do material adequado e leitura das instruções presentes contidas no manual, bem como ao modo de correção e interpretação do instrumento. Aos sujeitos submetidos aos testes no processo de avaliação, garante-se alguns direitos como o sigilo, o consentimento informado (o porquê da avaliação); como os dados dos testes serão utilizados e a devolutiva referente ao resultado obtidos, em linguagem clara, de forma que o sujeito possa compreender o que lhe foi dito, evitando ao máximo os rótulo estigmatizantes.

Conclusão: A análise dos artigos nos revelaram a importância do estudo e atualização do material dos testes psicológicos para o contexto geral da psicologia enquanto ciência e profissão, de forma a se assegurar as boas práticas, o respeito e a integridade ao ser humano.

Referências

- BALBINOTTI, MAA. Para se avaliar o que se espera: reflexões acerca da validade dos testes psicológicos. *Aletheia* 21, jan./jun. 2005 n.21 jan./jun. 2005 p. 43-52
- CHIODI, MG; WECHSLER, SM. Avaliação Psicológica: Contribuições brasileiras. *Boletim Academia Paulista de Psicologia - Ano XXVIII, nº 02/08: 197-210*
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (2003). Resolução nº 002/2003 e 25 / 2001. Disponível em <http://www.pol.org.br>. Acesso em: 14 outubro 2017.
- MANFREDINI, V; ARGIMON, IIL. O USO DE TESTES PSICOLÓGICOS: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL. *REVISTA GRIFOS - n. 28 - junho/2010*
- NORONHA, APP; Fernanda Andrade FREITAS, FA; SARTORI, FA; OTTATI, F. Informações contidas nos manuais de testes de personalidade. *Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 143-149, jan./jun. 2002*
- SILVA, M. C. V, M.. História dos testes psicológicos. São Paulo: Vetor, 2011.
- VIEIRA, RC; CAMPOS, RHF. Notas sobre a introdução, recepção e desenvolvimento da medida psicológica no Brasil. *Temas em Psicologia - 2011, Vol. 19, no 2, 417 – 425.*

A CONTRIBUIÇÃO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

Marcello Eduardo de Souza Stefanini¹; Talita Egea²; Daniela Garcia Bandeca Schwingel³;

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – marcellostefanini97@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –talita_egea@yahoo.com.br;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danibandeca@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: psicologia, avaliação, testes psicológicos, tdah.

Introdução: Desde os finais do Século XVII a curiosidade sobre a mente e o Comportamento humano já se ressaltavam no âmbito científico, as pesquisas caminhavam aos poucos seguindo os modelos empíricos e foi com o Escocês, Alexander Crichton, que, em Londres, deu o primeiro passo para o que seria o estudo e diagnóstico do TDAH.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, conhecido como TDAH, tem sido estudado por muitos cientistas do mundo inteiro. Caracterizado por falta de atenção, impulsividade e hiperatividade física e mental, o TDAH tem afetado crianças e adultos do mundo inteiro, surgindo desde os primeiros anos de vida ou até mesmo o final da adolescência. O tratamento acaba por sendo complexo e seu diagnóstico difícil pois é necessário uma inter-relação de profissionais e uma bateria de testes e entrevista para uma maior precisão.

Nesse trabalho, iremos discutir sobre os melhores testes para diagnóstico, mostraremos a história dos estudos e apresentaremos os diagnósticos do TDAH juntamente ao DSM – V.

Objetivos: O presente estudo teve por objetivo realizar um levantamento acerca da importância da utilização dos testes psicológicos para a compreensão e efetividade no diagnóstico de TDAH.

Relevância do Estudo: A importância deste estudo está no esclarecimento que ele traz sobre a utilização dos testes enquanto coadjuvantes do processo de diagnóstico e entendimento sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

Materiais e métodos: Este trabalho se deu sob a forma de revisão sistemática de literatura, para a qual foram selecionadas vinte referências das bases de dados *Scielo*, no período de 2000 a 2014, utilizando os descritores “tdah”, “psicologia” e “avaliação psicológica”.

Resultados e discussões: Apesar de o nome Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, ou mais conhecido pela abreviação TDAH, ser relativamente recente a doença em si já é descrita e estudada há mais de dois séculos, desde 1798.

O TDAH também já esteve relacionado a problemas morais, deficiência e disfunção cerebral, entre outras características. Hoje, de acordo com a mais respeitada ferramenta de diagnóstico de doenças e transtornos mentais no mundo, o Manual de Estatística e Diagnóstico de Transtornos Mentais 5 (DSM-5), o TDAH engloba uma lista com 18 sintomas, sendo nove deles relacionados à desatenção; 6 à hiperatividade; e 3 à impulsividade.

Muitos estudos têm se aprofundado com relação aos testes neuropsicológicos utilizados para a avaliação do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) durante os anos, tanto em crianças quanto em adultos. É importante ressaltar que para o diagnóstico seja firmado é necessário que haja um trabalho abrangente entre principalmente os

psicólogos, neurologistas e psiquiatras, podendo ser utilizadas escalas de sintomas e testes psicológicos para verificar se alguma deficiência cognitiva pode colaborar no diagnóstico. Buscar fazer um apanhado de informações desde a infância da pessoa para identificar se as dificuldades se mostram desde essa época também podem contribuir para a avaliação mais eficiente. Outro fator de extrema importância é a entrevista com os membros da família da pessoa, pois é comum a falta de insights desses pacientes para o seu próprio comportamento (LOPES; NASCIMENTO; BANDEIRA, p. 71, 2005).

Para corroborar no processo de diagnóstico do TDAH, os psicólogos dispõem de alguns testes psicológicos que auxiliam nesse processo. Podemos citar alguns deles que vão auxiliar tanto no diagnóstico em crianças quanto em adultos, todos aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Conclusão: Concluimos que o transtorno de TDAH - Déficit de Atenção e Hiperatividade é uma síndrome de alta prevalência em crianças, adolescentes e adultos, apresentando critérios clínicos operacionais bem estabelecidos para o seu diagnóstico, pois apenas com um diagnóstico preciso é possível encontrar tratamentos realmente eficazes.

O processo de avaliação de um diagnóstico é abrangente, envolvendo necessariamente empenho de multiprofissionais a coleta de dados com os pais, com a criança e com a escola. O profissional de Psicologia deve utilizar para a investigação escalas de sintomas e testes psicológicos aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), para verificar se alguma deficiência cognitiva que possa auxiliar no diagnóstico.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

Crichton, Alexander: An inquiry into the nature and origin of mental derangement: comprehending a concise system of the physiology and pathology of the human mind and a history of the passions and their effects. Vol I. London: printed for T. Cadell, Junior, and W. Davies, in the strand. 1798.

GRAEFF, R. L.; VAZ, C. E. Avaliação e diagnóstico do Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Psicologia USP, São Paulo, julho/setembro, 2008, 19(3), 341-361.

LOPES, R. M. F.; NASCIMENTO, R. F. L.; BANDEIRA, D. R. Avaliação do transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade em adultos (TDAH): uma revisão de literatura. Avaliação Psicológica, 4(1), 2005, pp. 65-74.

ROHDE, L. A. et. al. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Revista Brasileira de Psiquiatria 22 (2000): 07-11.

SILVA, A. B. B. Mentis inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Fontanar. 2009. 215 p.

Site da Associação Brasileira de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Disponível em <http://www.tdah.org.br/br/artigos/textos/item/964-entenda-o-tdah-nos-crit%C3%A9rios-do-dsm- v.html>. Último acesso em 13 de agosto de 2015.

A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL PSICÓLOGO E A BIOÉTICA

Leonardo Peres Navarro¹; Lays Stefani da Cruz²; Marta Alice Nelli Bahia³;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lasthefanie@hotmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB leonardoperes@msn.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br .

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: bioética, atuação do psicólogo, psicologia, ética.

Introdução: Após a 2ª guerra mundial, surgiu a necessidade de investir em pesquisas na medicina e tecnologia, esse período é marcado por grandes descobertas científicas, muitas delas mudaram o direcionamento das pesquisas na área da saúde. A medicina, em meio aos avanços tecnológicos, passa a ter grande poder na interferência de processos biológicos naturais do ser humano (DURAND, 2003). Pesquisas com o intuito de obterem descobertas que viriam a prolongar e melhorar a qualidade de vida se destacaram na época, sucesso na descoberta de transplantes, reprodução, manipulação genética, hemodiálise, reanimação artificial, etc. Entretanto, as pesquisas entraram em um contexto social, os avanços passaram a não somente receber críticas positivas, a relação médico-paciente precisava ser revista, havia uma necessidade de mais humanização nesse processo (PESSINI, 2002). Diante dessa necessidade de reflexão frente aos temas éticos que envolviam pessoas e tecnologias na época, o médico Van Rensselaer Potter lança o termo Bioética. O conceito vem como uma ferramenta aos profissionais da saúde para o exercício de cidadania. A “ética da vida” é diálogo que busca a dignidade humana baseando-se em valores éticos e morais (DURAND, 2003), ela nasce com o objetivo de estabelecer a ordem e respeito em meio ao desenvolvimento na área da saúde (BORGES 2013). Dentre as atividades dos profissionais psicólogos, a psicoterapia também faz parte dos procedimentos presentes na área da saúde e, como toda e qualquer técnica de saúde, é anteriormente uma atividade ética (CFP, 2005). O psicólogo lida com questões bioéticas diariamente, destacando momentos de dúvida sobre qual atitude tomar. Desta forma, é possível obter uma visão em que a psicologia não consegue caminhar sem reflexões bioéticas (DIAS, 2007).

Objetivos: Através de um questionário, o presente trabalho tem como objetivo relacionar a atuação do psicólogo com a bioética.

Relevância do Estudo: O psicólogo tem como base da sua atuação o respeito, a bioética esta presente na ligação de fundamentos éticos com a própria ciência da saúde (DURANT, 2003). Diante dessa importância, o estudo se faz necessário por trazer questionamentos e discussões sobre a bioética no cotidiano do profissional psicólogo.

Materiais e métodos: Através de uma revisão bibliográfica, dois estudantes do primeiro ano de psicologia realizaram um questionário com quatro perguntas, este foi aplicado em psicólogos de diversas áreas. As perguntas foram: “1- O que o (a) senhor (a) entende por bioética?”, “2- Em sua atuação já se deparou com questões de difícil procedência onde teria que debruçar suas decisões em termos bioéticos?”, “3- O (A) senhor (a) utiliza da reflexão bioética com constância em sua atuação?” e “4- Em sua graduação, o (a) senhor (a) teve a matéria de bioética?”. A entrevista ocorreu, em sua maioria, por comunicação online.

Resultados e discussões: Nove psicólogos foram entrevistados, suas áreas de atuação foram: Psicologia clínica, psicologia acadêmica, neuropsicologia, psicologia organizacional, psicologia hospitalar e pesquisa. Ficou claro que os entrevistados conhecem o conceito de bioética, a primeira pergunta mostra que o termo é difundido no campo da psicologia, todos compreendem a bioética, de forma geral, como o respeito à vida. Através da segunda pergunta do questionário, ficou perceptível que a bioética já está compondo a psicologia, desse modo, por mais que alguns profissionais alegaram não ter focado seus estudos na matéria em si, utilizam de suas reflexões constantemente em sua atuação. Os entrevistados reconheceram que em seu trabalho é discutido assuntos que, normalmente, não entram em um consenso moral perante a sociedade (ex: aborto, eutanásia, reprodução assistida), assim, dentro da realidade terapêutica é impossível não se apoiar na bioética. De uma forma geral, a maior parte do profissional psicólogo lida diariamente com problemáticas que envolvem a ética e a bioética, assim, necessitam de reflexões bioéticas. A pesquisa apontou que a maior parte dos profissionais não teve a matéria de bioética na graduação, contudo, tiveram contato com o conceito dentro de matérias relacionadas, ressaltando a importância de todo profissional da saúde sempre discutir e se atualizar em princípios bioéticos.

Conclusão: A bioética tem enfoque interdisciplinar, ou seja, ela se comunica com o exterior (DURAND, 2003). A psicologia não se limita apenas ao cumprimento da ética profissional, ela se amplia para tratar dos assuntos do homem (CASTRO, 2001) e, nesse contexto, a bioética se faz inseparável da psicologia. Desta forma conclui-se que a bioética está presente no cotidiano do profissional da psicologia.

Referências

BORGES, L.O; BARROS, S.C; LEITE, C. P. L. A. Ética na Pesquisa em Psicologia: Princípios, Aplicações e Contradições Normativas, **Revista Psicologia: Ciência E Profissão**, Brasília, v.33, n.1, 2013.

CASTRO D. A. Psicologia e ética em cuidados paliativos , **Revista Psicologia: Ciência E Profissão**, Brasília, v.21, n.4, 2001.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. Agosto 2005.

DIAS, H. Z. J; GAUER, G. J. C; RUBIN, R; DIAS, A. V. **Psicologia e bioética: diálogos**. ed. Rio de Janeiro: Centro Universitário São Camilo: 2007.

Diversidade 88 - Bioética; Eduardo Ramos; 2014; 57 minutos; <http://crpsp.org/m/tv-diversidade.php>.

DURAND, Guy. **Introdução Geral Á Bioética- Historias, conceitos e instrumentos**. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

OFICINA: JACOB LEVY MORENO E PROCESSOS GRUPAIS

Rosana Fernandes¹; Aline Pelição²; Profa. Dra. Luciana Maria Biem Neuber³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – rosana_fs@hotmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – alinepelicao@gmail.com

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB psbiem@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: psicologia, processos grupais, sociodrama.

Introdução: O Psicodrama surgiu do teatro espontâneo no início do século XX criado por Jacob Levy Moreno, trata-se de um método terapêutico denominado por Moreno (2017) "a ciência que explora a verdade por métodos dramáticos". Neste contexto criou o Sociodrama, uma metodologia de investigação e intervenção nas relações interpessoais, nos grupos, entre grupos ou mesmo no relacionamento de uma pessoa consigo mesma. Trata as relações, os conflitos e os sofrimentos buscando compreender e intervir por meio da ação. Esta metodologia está sustentada em três contextos: o social, o grupal e o dramático; cinco instrumentos: o palco (espaço físico), o diretor, o protagonista, os egos auxiliares e a plateia; e quatro etapas: aquecimento inespecífico e específico, dramatização, compartilhar e fechamento (CONCEIÇÃO E COSTA, 2006; SCHMIDT, 2007; MORENO, 2017).

A intervenção terapêutica sociodramática é uma ferramenta facilitadora do terapeuta-pesquisador para que o grupo legitime suas subjetividades na compreensão de um tema protagônico, como por exemplo, o abuso sexual intrafamiliar que é cometido por pais biológicos ou adotivos, irmãos, avós ou tios. Tema que necessita de um espaço social de escuta e reflexão. Quando o grupo se reúne para discutir o assunto por meio do sociodrama, Moreno convida a todos a vivenciar o conflito possibilitando co-construir e ressignificar o tema protagonizado (ZAMPIERI, 2011; FERRIANE, SILVA E SILVA, 2012; ALBERTO e LIMA, 2015).

Objetivos: Desenvolver com os alunos do segundo ano do curso de psicologia a construção teórico-prática estuda na disciplina Processos Grupais I com o objetivo de aprimoramento do conteúdo teórico de Moreno e o aprendizado na prática da aplicabilidade do sociodrama.

Relevância do Estudo: O estudo justifica-se por proporcionar aos estudantes do curso psicologia reflexão sobre a relevância da abordagem sociodramática de Jacob Levy Moreno na intervenção grupal como um processo de co-construção e ressignificação de um tema específico.

Materiais e métodos: Foi realizado o Sociodrama no dia três de setembro do ano de 2017 para o público alvo alunos do segundo ano do curso de psicologia, com duração de três horas e meia na sala de aula da FIB. Foi desenvolvido um Sociodrama com o tema abuso sexual intrafamiliar que contou com a aluna Ana como diretora, as alunas Aline, Izabela, Miriam e Rosana no papel de egos auxiliares, com os demais alunos representando a plateia, a sala de aula como cenário e o protagonista foi o tema abuso sexual.

Resultados e discussões: O sociodrama por ser uma metodologia de pesquisa ativa, proporcionou aos alunos uma reflexão sobre o tema abordado, promovendo a participação espontânea de cada um. As etapas do sociodrama foram seguidas de acordo com a metodologia de Moreno (2017) e referendadas nos trabalhos de Conceição e Costa (2006). O aquecimento inespecífico incluiu a apresentação da equipe e a explicação das etapas que iriam ocorrer; na fase do aquecimento específico foi apresentado o vídeo O Silêncio de Lara e cenas do filme O Padre, respectivamente com o objetivo de mobilizar a plateia para

trabalhar o tema proposto. Após assistirem aos vídeos foi solicitado que os participantes compartilhassem sentimentos presentes que foram registrados pelos egos auxiliares na lousa. As palavras relatadas variaram entre angústia, medo, solidão, raiva, revolta, impotência, tristeza, indignação, limitação, indigestão e vulnerabilidade. A etapa da dramatização ocorreu a partir da explicação do diretor que solicitou aos participantes escolherem um dos personagens apresentados nos filmes, representados pelos egos auxiliares: o abusador, a vítima, a mãe e a sociedade. Os subgrupos realizaram uma discussão reflexiva com o objetivo de analisarem o personagem escolhido e as questões referentes ao tema. Ao término dos tópicos abordados nos subgrupos, o diretor explicou que os alunos receberiam massa de modelar e uma cartolina com o objetivo de construir uma escultura representando o personagem e os aspectos abordados na discussão, e criariam um tema para essa escultura. O diretor ao verificar que todas as esculturas estavam terminadas, solicitou que seria realizada uma exposição e os alunos fariam uma análise de cada escultura. O diretor solicitou que os comentários fossem realizados espontaneamente e o grupo responsável pela escultura concluiria. Cada escultura analisada gerou sentimentos e reflexões que foram anotados na lousa. Após concluída as três etapas o diretor e os participantes realizaram o fechamento, última etapa do sociodrama, e compartilharam percepções, impressões e reflexões da oficina. O sociodrama de Moreno (2017), difundido pelo mundo e no Brasil realizado entre outros por Zampieri (2011), contribuiu para o grupo de uma forma positiva, sendo possível explorar e tratar os conflitos emergidos. Sentimentos como medo, angústia e solidão que inicialmente foram relatados pelos alunos tiveram uma resignificação, principalmente em relação ao abusador que passou a ser considerado um ser humano que necessita de tratamento, assim como a vítima que passou a ser considerada sobrevivente. Os sentimentos entre outros de solidariedade, compreensão e compaixão foram relatados pela maioria do grupo após o término do Sociodrama.

Conclusão: O presente trabalho possibilitou a reflexão sobre a importância do método sociodramático de Moreno (2017). Permitiu a investigação psicológica dos papéis sociais do grupo sendo possível explorar e tratar simultaneamente os conflitos que surgiram e estimulou a espontaneidade e a criatividade ao mobilizar a compreensão e reconstruir um novo olhar sobre si e sobre o mundo diante do tema social abuso sexual intrafamiliar.

Referências

ALBERTO, M. F. P.; LIMA, J. A. **O Olhar de Mães acerca do Abuso Sexual Intrafamiliar Sofrido por suas Filhas.** Universidade Federal da Paraíba. 2015 - <http://www.scielo.br/pdf/ppc. em 08-10-2017>.

CONCEIÇÃO, M. I. G.; COSTA. M. P. N. L. F. **O Sociodrama Como Método de Pesquisa Qualitativa.** Universidade de Brasília. 2006 - <http://www.scielo.org/php/index.php. em 08-10-2017>.

FERRIANI, M. G. C.; SILVA, L. M. P.; SILVA. M. A. L. **Violência Sexual Intrafamiliar Contra Crianças e Adolescentes: Entre a Prevenção do Crime e do Dano.** Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. 2012 - <http://www.scielo.org/php/index.php. em 08-10-2017>.

MORENO, J. L. **Psicodrama.** Ed.Cultrix. vol.19. São Paulo, 2017.

SCHMIDT, M. L. G. **Algumas Reflexões Acerca da Construção e Contribuições da Teoria Socionômica.** Faculdade de Saúde Pública - USP (Brasil). 2007 - <http://pepsic.bvsalud.org/scielo. em 08-10-2017>.

ZAMPIERI, A. M. F. Psicodramas públicos: por que e para quê? **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 41-47, 2011.

O PAPEL DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DO CÂNCER DE MAMA: PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA NAS AÇÕES SOCIAIS PROMOVIDAS PELO GRUPO AMIGAS DO PEITO DE BAURU

Graciele Cardoso Lino¹; Anderson Janini²; Suzana Mara Julião³; Viviane Ap. de Oliveira⁴, Profa. Dra. Luciana Maria Biem Neuber⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – graci_lino@hotmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anderson_janini@yahoo.com.br;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – suzanamara@hotmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vi.alves@live.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psibiem@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: ações sociais, câncer de mama, mulheres, processos grupais, psicologia.

Introdução: Segundo o Instituto Nacional do Câncer, o câncer de mama é uma doença causada pela multiplicação de células anormais da mama, que formam um tumor. No Brasil e no mundo é considerado o mais comum dentre os cânceres femininos (INCA, 2017). Gerador de sofrimento biopsicossocial, o câncer preocupa profissionais de diferentes áreas da saúde, que buscam alternativas para sua prevenção e tratamento (RUIZ FLORES *et al.* 2001). O outubro rosa é uma campanha mundial de conscientização que tem como objetivo principal alertar as mulheres e a sociedade sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do [câncer de mama](#). Em Bauru o Grupo Amigas do Peito, organização não governamental, na qual participam mulheres que foram acometidas pelo câncer de mama, prestam assistência quanto ao tratamento, além de ações sociais informativas e preventivas. Vários estudos demonstram que grupos de apoio promovem benefícios para o enfrentamento e o fortalecimento de recursos positivos no diagnóstico, tratamento e pós-tratamento (ZIMERMAM 2000; FONSECA, LIMA e PIMENTEL, 2009; RAMOS e LUSTOSA, 2009). A psicologia contribui na área da psico-oncologia, com estudos científicos na prevenção, no tratamento e na reabilitação da doença; oferece suporte psicossocial e psicoterápico ao paciente e à família, desde o impacto do diagnóstico, no auxílio aos recursos para o enfrentamento do câncer e na obtenção da qualidade de vida durante e após tratamento (NEUBER, 2010).

Objetivos: Promover a participação dos alunos do curso de psicologia da FIB nas ações sociais do Grupo Amigas do Peito de Bauru com a finalidade de informar a importância do papel da psicologia no tratamento e enfrentamento do câncer de mama.

Relevância do Estudo: A campanha outubro rosa visa conscientização da população no diagnóstico precoce do câncer de mama e a importância do cuidado com a saúde. O tratamento envolve várias áreas da saúde e a psicologia faz parte deste processo. Ações sociais são acessíveis à população nas práticas informacionais e conscientização.

Materiais e métodos: Foram realizadas duas participações dos alunos do curso de psicologia na campanha outubro rosa promovida em Bauru pelo Grupo Amigas do Peito. As duas atividades foram planejadas com o objetivo de informar e promover a reflexão do papel da psicologia e o enfrentamento do câncer de mama. Desenvolvidas no Jardim Botânico no dia 07 de outubro, especificamente para as mulheres e familiares das mesmas que fazem parte do Grupo Amigas do Peito, e no dia 08 de outubro de 2017 no SESI para a população.

Resultados e discussões: Até o início do século XX, o diagnóstico de câncer era considerado sentença de morte. Atualmente, o panorama da doença oncológica tem sofrido

mudanças significativas devido aos avanços da Medicina no desenvolvimento das cirurgias, radioterapia, quimioterapia, hormonioterapia, imunoterapia e outras possibilidades de tratamento, além das contribuições da psiquiatria e da psicologia, por meio de estudos sobre fatores psicossociais envolvidos na doença (GIMENES, 1997; RUIZ FLORES *et.al.* 2001). O câncer de mama envolve consequências físicas e psíquicas representadas por mutilações e prejuízos graves em relação à autoestima, à autoimagem e à sexualidade. Ao receber o diagnóstico de um câncer de mama, a mulher estará diante de inúmeras informações novas que geram dúvidas e sentimentos variados. Os sentimentos como a ansiedade, a raiva, a tristeza, a angústia, o isolamento, a insegurança, o medo, o desespero, a culpa e a solidão serão frequentes durante o tratamento. Aceita-los e aprender a lidar com eles na busca de recursos emocionais para o enfrentamento da doença e do tratamento possibilita administrar melhor a situação, fortalece o sistema imunológico e produz resultados positivos. A resposta emocional dependerá das habilidades de enfrentamento, disponibilidade emocional, suporte financeiro e parâmetro médico (FONSECA, LIMA e PIMENTEL, 2009; RAMOS e LUSTOSA, 2009; NEUBER, 2010). O Grupo Amigas do Peito de Bauru a cada ano fortalece o objetivo de prestar serviços para assistência a portadoras de neoplasia de mama e promover ações sociais preventivas de conscientização do combate à doença. Os resultados positivos de um processo grupal são descritos na literatura por vários estudiosos, entre outros, como Zimerman (2000), ao enfatizarem a rede de apoio social como importante fator protetor e recuperador da saúde, ao incluir neste processo a família, os amigos, os grupos de apoio, os serviços e equipes de profissionais das diversas áreas da saúde.

Conclusão: As atividades grupais realizadas contribuíram significativamente para o grupo amigas do peito e seus familiares ao fortalecerem sentimentos positivos no processo de enfrentamento do câncer; proporcionaram aos participantes da ação voluntária no SESI informações esclarecedoras em relação ao papel da psicologia e uma educação preventiva; e aos alunos do curso de psicologia a possibilidade de articular teoria e prática na formação profissional.

Referências

- FONSECA, R. L. M.; LIMA, D. T.; PIMENTEL D. M. **A atuação do psicólogo hospitalar no atendimento aos portadores de câncer de próstata e de mama.** Governador Valadares: Junho, 2009.
- GIMENEZ MG, organizador. **A mulher e o câncer.** São Paulo: Editorial Psy, 1997.
- Grupo Amigas do Peito de Bauru – Disponível em: <http://www.amigasdopeito.com/amigas-do-peito.html>. Acessado em: 01 de out. 2017.
- NEUBER, L.M.B. **Sociodrama e prevenção do câncer de mama em mulheres com conflitos conjugais e familiares.** 2010. Tese de Doutorado, UNESP, Botucatu, 2010.
- RAMOS, B. F. e LUSTOSA, M. A. **Rev. SBPH.** Câncer de mama feminino e psicologia, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, pp. 85-97. ISSN 1516-0858, 2009.
- BRASIL - Instituto Nacional do Câncer (INCA) – Disponível em <http://www.inca.gov.br/outubro-rosa/cancer-mama.asp>. Acessado em 19 de out. 2017.
- RUIZ FLORES P. et al. **Genética del cáncer de mama. BRCA Y BRCA:** los principales genes del predisposición a la enfermedad/ Breast cancer genetics BRCA1 and BRCA2: the main susceptibility genes. *Rev. Invest. Clin.* 2001
- ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias.** 2ª.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

O ESTRESSE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Thalita Soares Sanches¹; Janaina da Silva Mazzo²; Juliana Carvalho da Silva³;
Luis Alberto Domingo Francia Farje⁴

¹ Aluna de Psicologia - Faculdades Integradas de Bauru – FIB titasanches@hotmail.com

² Aluna de Psicologia - Faculdades Integradas de Bauru – FIB janamazzo@gmail.com

³ Aluna de Psicologia - Faculdades Integradas de Bauru – FIB carvalho-juliana@live.com

⁴ Professor do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
luis.farje@fatec.sp.gov.br

Grupo de Trabalho: Psicologia

Palavras–Chave: Estresse crônico, neuroreceptores, estressores, psicologia.

Introdução: O estresse é definido como “o efeito sobre uma pessoa de ficar submetida à estimulação nociva ou à ameaça dessa estimulação, especialmente quando ela é incapaz de evitar ou de pôr fim à condição”. Nem sempre essa condição estimulante parte de uma experiência negativa, realizações positivas também causam reações semelhantes (STRATTON e HAYES, 1994). Em um sentido primário o estresse é natural ao organismo, é uma busca pela homeostase. O que é prejudicial é a constância dessa estimulação (SILVA 2015). O estresse é ligado diretamente à ativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal com a liberação da adrenalina na fase inicial e do cortisol que tenta ativar a resistência do organismo à ação dos estressores mudando diversos aspectos da fisiologia, manipulando as defesas do organismo (PAGLIARONE e SFORCIN 2009). Como destaca Erika Silva, o conceito de estresse ainda passa por questionamentos no campo científico, por não haver concordância entre os especialistas sobre sua definição. No entanto, os locais onde o estresse atua no encéfalo estão de acordo com a mesma autora: “a tensão é mediada pelo sistema nervoso autônomo (SNA) e pela ativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA)” (SILVA, 2015).

Objetivos: Este trabalho visa mostrar as consequências da exposição prolongada ao estresse fazendo uma relação com a fisiologia, neuroanatomia e a psicologia

Relevância do Estudo: Dentro da atuação do profissional de Psicologia, seja clínica, escolar ou corporativa é constante o encontro com o tema do estresse e seus desdobramentos. Tomar conhecimento sobre o efeito prolongado e crônico do estresse no organismo colabora com a aplicação das abordagens e procedimentos.

Materiais e Métodos: Foi realizada revisão de literatura com uso de artigos científicos obtidos em bases de dados como Scielo e Pubmed, com foco nas áreas de fisiologia, neuroanatomia e psicologia.

Resultados e Discussão: Diante dos aspectos introdutórios é importante apresentar os resultados de algumas pesquisas e o progresso dentro da compreensão dos efeitos estressores no organismo. Referente ao sistema imunológico Pagliarone e Sforcin (2009) ressaltam que os estudos da área de psiconeuroimunologia têm detectado uma resposta ao estímulo estressor mediado pelo HPA (eixo-hipotálamo-pituitário-adrenal) e pelo SNA. Quando uma pessoa está submetida à fase do estresse crônico (perdura por dias/semanas/meses) assim o organismo tem uma resposta imediata trazendo mudanças nas variações da concentração dos mediadores ligados ao estresse. Quanto aos efeitos psicológicos relacionados do estresse, Fontana (1994), diz que podem ser divididos em: efeitos cognitivos, ligados ao pensamento e ao conhecimento; efeitos emocionais, ligados aos sentimentos, emoções e personalidade; efeitos comportamentais gerais, relacionados

igualmente a fatores cognitivos e afetivos. Se observarmos os efeitos no cérebro como exposto por Pagliarone e Sforcin (2009) veremos que o SNA quando ativado, resulta em liberação de acetilcolina que induz a medula da adrenal a liberar epinefrina e norepinefrina no sangue, induzindo o aumento da frequência cardíaca, do fluxo de sangue para os músculos e do nível de glicemia no metabolismo, para o crescimento do desempenho físico e mental durante o estresse. Já o eixo HPA traz uma resposta mais lenta relacionado com a liberação dos glicocorticoides que, dependendo da quantidade secretada, podem levar a imunossupressão. Quando a ativação é frequente e repetitiva dos dois eixos sem um quadro de alívio resulta no desenvolvimento de várias doenças (PAGLIARONE e SFORCIN, 2009). No cérebro esta sendo comprovado que uma exposição estendida do estresse provoca alterações químicas e estruturais em várias regiões do cérebro, como o hipocampo (SILVA, 2015). Sobre este ponto é importante considerar que muitas pesquisas têm sido realizadas para demonstrar as doenças associadas ao efeito do estresse como patologias metabólicas, cardiovasculares, gastrointestinais, distúrbios de crescimento e câncer. Em especial no campo da psicologia, com referência a síndromes de esgotamento emocional (ABREU, 2001) e depressão (MOTTA, 2004).

Conclusão: O estresse é consequência de uma tensão contínua e incessante, sendo de natureza positiva ou negativa. Dentro dos âmbitos de pesquisa referente a um efeito negativo do estresse, os distúrbios e o desenvolvimento de problemas na saúde do indivíduo ocorrem em doses extremamente altas de exposição. Esses problemas vão desde descontroles hormonais, problemas neurológicos e até psicológicos onde se incluem leves depressões e crises de ansiedade.

Referências

- ABREU, K L. **Estresse ocupacional e Síndrome de Burnout no exercício profissional de psicologia**. Psicol. Cienc. Prof. V.22 no. 2 Brasília Junho, 2002.
- FONTANA, D. **Estresse: faça dele um aliado e exercite a autodefesa**. (2º ed.) São Paulo: Saraiva, 1994.
- MOTTA, M G. **Efeitos da depressão materna no desenvolvimento neurobiológico e psicológico da criança**. Revista Psiquiatria RS maio/ago 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/70153>.
- PAGLIARONE, A C; SFORCIN, J M. **Estresse: revisão sobre seus efeitos no sistema imunológico**. Biosaúde, Londrina, v. 11, n. 1, p. 57-90, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/biosaude/article/view/24304>.
- SILVA, E C. **Efeitos do estresse crônico em áreas do cérebro**. Revista eletrônica – Estácio Recife. V. 1, n. 1, 2015. ISSN: 2525-3646 Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/12/9>
- STRATTON, P; HAYES, N. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LINGUAGEM EM FUNÇÃO DA ÁREA DE BROCA E WERNICKE APÓS ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL, SUAS CONSEQUÊNCIAS E TRATAMENTOS

André Marcelo Pontes¹; Julia Messias²; Liliana Mercedes Aguirre de La Cruz³; Leticia Sabino⁴; Dr. Luis Alberto Domingo Francia Farje⁵

¹Aluno do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – and_mcp@hotmail.com

²Aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – messias_julia@hotmail.com

³Aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lilianamercedes@live.com

⁴Aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leticia_sab@hotmail.com

⁵Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – luis.farje@fatec.sp.gov.br

Grupo de trabalho: Neuroanatomia

Palavras-chave: Linguagem, Acidente Vascular Cerebral, Cérebro.

Introdução: Através da linguagem é possível entrar em contato com valores, crenças e regras, recebendo traços da cultura. Ocorrendo assim as integrações sociais e contato com o ambiente (Borges; Salomão, 2003). Segundo Arruda, Reis e Fonseca (2014) o acidente vascular cerebral (AVC) é considerado uma alteração neurológica a qual é responsável por gerar incapacidade entre os adultos e com maior frequência no envelhecimento. Estes autores conceituam AVC como uma deficiência neurológica, transitória ou definitiva secundária a lesão vascular em alguma região do cérebro. (ARRUDA; REIS; FONSECA, 2014). A partir de 1990 os avanços nas áreas do conhecimento científico ajudaram a conhecer mais sobre todo o sistema de linguagem que ajudou no entendimento das lesões relacionadas com a mesma. As novas tecnologias e pesquisas mostram que as lesões podem ocorrer não somente nas áreas corticais cerebrais clássicas de afasias, senão também em outras áreas do córtex cerebral (PINTO & SANTANA, 2008).

Objetivos: Apresentar as consequências do acidente vascular nas áreas de Broca e Wernicke e quais os profissionais da equipe multidisciplinar encarregados da reabilitação.

Materiais e Métodos: Revisão bibliográfica com uso de artigos científicos de bases de dados online como Scielo, Bireme e Pubmed e de livros do acervo da biblioteca das Faculdades Integradas de Bauru (FIB), os quais abordam o tema de caráter exploratório.

Resultados e discussões: Estudos sobre as áreas de Broca e Wernicke contribuíram a respeito do fundamento da linguagem, mostrando que essas regiões cerebrais seriam responsáveis pela manifestação da linguagem e pela sua compreensão, respectivamente. Assim, os casos clássicos de afasia estão relacionados com estas áreas (Kandel ET AL., 1995 apud Deliberato 2003). Por outro lado, a terapia fonoaudiológica possui o objetivo de abordar os problemas e minimizá-los ao máximo por meio de atividades de estimulação linguística, utilizando exercícios que visam o desenvolvimento das habilidades motoras e neurológicas para a fala (MANCOPES, 2001). Para alguns autores o importante é tratar os problemas do paciente sem importar a metodologia utilizada enquanto que outros acreditam que cada paciente deve ser tratado com suas necessidades específicas (MANCOPES, 2001). Para um tratamento de excelência há grande necessidade do acompanhamento de uma equipe multiprofissional onde diversos profissionais agem de forma conjunta na busca da melhoria do paciente. O fonoaudiólogo na reabilitação linguística, o terapeuta promovendo autonomia e interação familiar, social e profissional e o psicólogo na melhoria da autoestima do paciente que em muitos casos se torna deprimido. É possível analisar muitos prejuízos estruturais e da qualidade de vida do paciente, tanto no ambiente profissional quanto em ambientes familiares (MANCOPES, 2001). A terapia deve ser adaptada para cada paciente e a grande maioria usa alguma forma de estimulação auditiva.

Se o terapeuta se preocupa exclusivamente com a fala, terá maiores possibilidades de obter sucesso com técnicas programadas. Se o terapeuta encara, como um problema psicolinguístico, psiconeurológico e psico-social e visa aperfeiçoar a linguagem e auxiliar o paciente na reintegração social, o método deverá incluir menos técnicas dirigidas aos aspectos articulatórios e mais procedimentos livres (diálogos) (SPINELLI et al., 1976).

Conclusão

Conclui-se que a linguagem, em seus diversos tipos de expressões (verbais e não verbais), tem grande importância social. As áreas de Broca e Wernicke responsáveis pela compreensão da linguagem são as mais afetadas pelo acidente vascular cerebral causando afasias, fazendo com que a pessoa não consiga captar e compreender as frases que foram ditas e ao tentar responder não conseguem articular nenhuma palavra, apenas balbuciar, sem a consciência de que não são capazes de falar; a pessoa não compreende o que lhe é dito, mas permanece com a capacidade de articulação de palavras, porém estas não fazem sentido entre si.

Referências

ARRUDA, João Sigefredo; REIS, Francisco Prado; FOSCECA, Vânia. Avaliação da linguagem após acidente vascular em adultos no estado de Sergipe. Revista CEFAC, Mai-Jun, p.853-862, 2014.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádya Ribeiro. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. Psicologia: Reflexão e Crítica, Universidade Federal da Paraíba, p. 327-336, 2003.

DELIBERATO, Débora. Seleção adequação e implantação de recursos alternativos e/ou suplementares de comunicação. Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Marília.

MANCOPES, Renata. O dizer nas afasias: O tratamento recriando sentidos. Porto Alegre: ago. 2001.

PINTO, Rosana Carmo Novaes. SANTANA, Ana Paula. Semiologia das Afasias: Uma Discussão Crítica. Psicologia: Reflexão e Crítica, p. 413-421.

SPINELLI, M. et al. Terapia de linguagem na afasia. Arquivo de neuro-psiquiatria, São paulo, v. 35, n. 4, p. 340-345,dez. 1977.